



HISTÓRIA DOS HEBREUS

Flávio Josefo



10 DE OUTUBRO DE 2022

EDITORA DO CARMO
BRASÍLIA DF

HISTÓRIA DOS HEBREUS

FLÁVIO JOSEFO

EDITORA DO CARMO

BRASÍLIA 2018

ISBN:978-1725163461

NÃO TEMOS A FONTE DA TRADUÇÃO SÓ SABEMOS QUE É PORTUGUESA DE PORTUGAL, POIS TIVEMOS QUE ARRUMAR MUITAS EXPRESSÕES PARA NOSSA FORMA DA LÍNGUA CULTA E ATUALIZADA. CASO ALGUÉM SAIBA NOS INDIQUEM PARA DARMOS OS DEVIDOS CRÉDITOS, VISTO SE TRATAR DE UMA OBRA EM DOMÍNIO PÚBLICO.

PREFÁCIO DE JOSEFO

De todas as guerras que se travaram, quer de cidade contra cidade, quer de nação contra nação, o nosso século ainda não viu outra tão grande — e não sabemos que tenha havido outra semelhante — como a que os judeus sustentaram contra os romanos. Houve, no entanto, pessoas que se dispuseram a escrevê-la, embora por si mesmas dela nada soubessem, baseando os seus conhecimentos apenas em informações vãs e falsas. Quanto aos que nela tomaram parte, a sua bajulação aos romanos e o seu ódio pelos judeus os fez relatar as coisas de maneira muito diferente do que eram na realidade. Os seus escritos estão cheios de louvores a uns e censuras a outros, sem qualquer preocupação com a verdade. Foi isso o que me fez decidir escrever em grego, para satisfação daqueles que estão sujeitos ao Império Romano e para informar as outras nações, o que escrevi há pouco em minha língua.

Meu pai chamava-se Matatias. Meu nome é Josefo, e sou hebreu de nascimento, sacerdote em Jerusalém. No princípio, combati contra os romanos, e a necessidade, por fim, me obrigou a empreender a carreira das armas.

Quando essa grande guerra começou, o Império Romano era agitado por questões internas. Os judeus mais jovens e exaltados, confiando em suas riquezas e em sua coragem, suscitaram tão grande perturbação no Oriente, para aproveitar a ocasião, que povos inteiros tiveram receio de lhes ficar sujeitos, porque eles haviam chamado em seu auxílio os outros judeus que habitavam além do Eufrates, a fim de se revoltarem todos juntamente. Foi depois da morte de Nero que se viu mudar a face do império. A Gália, vizinha da Itália, sublevou-se. A Alemanha não estava tranquila, e muitos aspiravam ao soberano poder. Os exércitos desejavam a revolução, na esperança de com isso serem beneficiados monetariamente.

Como todas essas coisas eram por demais importantes, a tristeza que senti ao ver que se desvirtuava a verdade fez-me tomar o cuidado de informar exatamente aos partos, aos babilônios, aos mais afastados entre os árabes, aos judeus que habitam além do Eufrates e aos atenienses acerca da causa dessa guerra, bem como de tudo o que se passou e de que modo ela chegou ao fim. E não posso ainda agora tolerar que os gregos e os romanos, que não estavam presentes, a ignorem e sejam enganados pela bajulação desses historiadores, que só lhes narram fábulas.

Confesso não poder compreender a imprudência deles, quando, para fazer passar os romanos pelos primeiros de todos os homens, rebaixam os judeus. Será uma grande glória superar inimigos pouco temíveis? Ignoram eles as forças poderosas empregadas pelos romanos nessa guerra, durante o tempo em que ela durou, e as dificuldades que suportaram? Não consideram eles que é

diminuir o mérito extraordinário de seus generais minimizar a resistência que o valor dos judeus os fez experimentar na execução de tão difícil empreendimento?

Evitarei bem imitá-los, revelando, além da verdade, os feitos dos de minha nação, tal como eles relataram os dos romanos. Farei justiça a uns e a outros, expondo os fatos sinceramente. Nada afirmarei que não possa provar e não procurarei outro alívio à minha dor senão deplorando a ruína de minha pátria — ainda mais quando o próprio imperador Tito, que teve a direção de toda a guerra e dela fez referência como testemunha, reconheceu que as divisões domésticas foram a causa de nossa derrota e que não foi voluntariamente, mas por culpa daqueles que se haviam tornado os nossos tiranos, que os romanos incendiaram o nosso Templo. Esse grande príncipe não somente teve compaixão desse pobre povo, vendo-o correr para a sua própria ruína, pela violência daqueles facciosos, como também ele mesmo muitas vezes adiou a tomada da praça para lhes dar tempo e ocasião de se arrepender.

Se alguém julgar que o meu ressentimento pela infelicidade de meu país me motivou, contra as leis da história, a acusar fortemente os responsáveis por ela, que acrescentaram ladroeira pública à sua tirania, devem perdoar-me e atribuí-lo à minha extrema aflição. E ela não poderia ser mais justa, pois entre tantas cidades sujeitas ao Império Romano não se encontrará uma que, como a nossa, tendo sido elevada a tão alto grau de honra e de glória, tenha caído em miséria tão espantosa que, creio eu, desde a criação do mundo jamais se presenciou algo semelhante. A isso, acrescenta-se que não é a inimigos externos, mas a nós mesmos, que devemos atribuir as nossas desgraças. Assim, como me poderei conter em tamanha dor? No entanto, ainda que algumas pessoas não se deixem comover por essa consideração e desejem condenar com rigor um sentimento que me parece tão razoável, elas poderão atear-se à minha história somente nas coisas que refiro, sem se incomodar com as minhas queixas, admitindo-as apenas como uma efusão da alma do historiador.

Confesso que muitas vezes censurei — com razão, parece-me — os mais eloquentes gregos porque, embora as coisas acontecidas no seu tempo sobrepujem em muito as dos séculos que os precederam, eles contentam-se em julgá-las sem nada escrever e em censurar os que as escreveram, sem considerar que, se estes lhes são inferiores em capacidade, têm sobre eles a vantagem de haver servido o bem público com o seu trabalho. Esses mesmos censores dos outros escrevem o que se passou entre os sírios e os medos como tendo sido mal narrado pelos antigos escritores, embora estes não lhes sejam menos inferiores na maneira de bem escrever que no intento que tiveram ao fazê-lo, pois só referiram e quiseram referir as coisas de que tinham conhecimento e teriam tido vergonha de falsear a verdade.

Assim, não poderíamos deixar de louvá-los após terem dado à posteridade o conhecimento do que se passou no seu tempo, que ainda não havia aparecido em público. Eles devem ser tidos como os mais hábeis, pois, em vez de trabalhar sobre as obras de outros, trocando somente a ordem, escrevem coisas novas e compõem um corpo de história que somente a eles se deve. Por mim, posso dizer que, sendo estrangeiro, não houve despesa que eu não fizesse nem cuidado que não tomasse para informar os gregos e os romanos de tudo o que se refere à nossa nação. Os gregos, ao contrário, falam muito quando se trata de sustentar os seus interesses, quer em particular, quer perante os juízes, mas se calam quando é preciso reunir com muita dificuldade tudo o que é necessário para compor uma história verdadeira e não acham estranho que aqueles que nenhum conhecimento têm dos feitos dos príncipes e dos grandes generais e são incapazes de os descrever ousem fazê-lo. Isso mostra que nós procuramos a verdade da história tanto quanto os gregos a desprezam e disso se descuidam.

Eu teria podido dizer qual foi a origem dos judeus, de que maneira saíram do Egito, por quais províncias vagaram durante longo tempo, as que ocuparam e como passaram a outras. Mas, além do fato de que isso não se refere a este tempo, eu o julgaria inútil, pois vários de meus compatriotas já o escreveram, com muito cuidado, e os gregos traduziram essas obras para a sua língua sem se afastar muito da verdade. Assim, começarei a minha história por onde os seus autores e os nossos profetas concluíram as suas. Referirei particularmente, com toda a exatidão que me for possível, a guerra que se travou no meu tempo e contentar-me-ei em tocar brevemente o que se passou nos séculos precedentes.

Direi de que modo o rei Antíoco Epifânio, depois de tomar Jerusalém e de tê-la possuído durante três anos e meio, de lá foi expulso pelos filhos de Matatias, hasmoneu; como a divisão suscitada entre os seus sucessores, com relação à posse do reino, atraiu os romanos sob o comando de Pompeu; como Herodes, filho de Antípatro, com o auxílio de Sósio, general do exército romano, pôs fim à dominação dos príncipes hasmoneus; como, depois da morte de Herodes, sob o reinado de Augusto, sendo Quintílio Varo governador da Judéia, o povo se revoltou; como, no décimo segundo ano do reinado de Nero, começou a guerra, que se deu sob Céstio, que comandava as tropas romanas; quais foram os primeiros feitos dos judeus e as praças que eles fortificaram; como as perdas sofridas em várias ocasiões por Céstio fizeram Nero temer pelo êxito de suas armas, entregando-as a Vespasiano; como esse general, acompanhado pelo mais velho de seus filhos, entrou na Judéia com um grande exército romano; como um grande número de suas tropas auxiliares foi desbaratada na Galileia; como ele tomou algumas cidades dessa província e outras, que se entregaram a ele.

Referirei também, sinceramente e segundo o que presenciei e constatei com os meus próprios olhos, o proceder dos romanos em suas guerras, a sua ordem e a sua disciplina; a extensão e a natureza da Alta e da Baixa Galileia; os limites e as fronteiras da judéia, a qualidade da terra, os lagos e as fontes que aí se encontram; e os males suportados pelas cidades que foram tomadas. Não deixarei de mencionar, do mesmo modo, as calamidades que eu mesmo experimentei em minha vida e que são bem conhecidas.

Direi também como a morte de Nero aconteceu, estando já em péssimo estado os interesses dos judeus e os do império; como Vespasiano, que se apressava para marchar contra Jerusalém, foi chamado a Roma; os presságios que ele teve de sua futura grandeza; as mudanças sucedidas na capital do império; como ele, contra a sua vontade, foi declarado imperador pelos soldados e como foi ao Egito dar as ordens necessárias; como a judéia foi agitada por novas perturbações; como surgiram tiranos uns contra os outros; como Tito, à sua volta do Egito, entrou duas vezes naquela província; como e em que lugar ele reuniu o seu exército; como e quantas vezes ele próprio testemunhou as sedições que se sucederam em Jerusalém; suas aproximações e todas as dificuldades que enfrentou para atacar essa praça; qual era a torre dos muros da cidade, a sua fortificação e a do Templo; a descrição do Templo, as suas medidas e as do altar — nisso nada omitirei.

Falarei das nossas festas solenes, das cerimônias que nelas se observam, das sete espécies de purificação; das funções dos sacerdotes, de seus hábitos e dos do sumo sacerdote; e da santidade do Templo, sem nada deturpar ou acrescentar. Farei ver também a crueldade de nossos tiranos contra os de sua própria nação e a humanidade dos romanos para conosco, sendo que éramos estrangeiros com relação a eles. Mostrarei também quantas vezes Tito se esforçou para salvar a cidade e o Templo e reunir os que estavam tão obstinadamente divididos. Falarei dos muitos e diversos males suportados pelo povo, o qual, depois de sofrer todas as misérias que a guerra, a carestia e as sedições podem causar, ainda se viu reduzido à servidão, pela tomada dessa grande e poderosa cidade.

Não me esquecerei também de dizer em que desgraças caíram os desertores da nação, a maneira como o Templo foi queimado, contra a vontade de Tito, a quantidade de riquezas consagradas a Deus que o fogo destruiu, bem como a destruição completa da cidade, os prodígios que precederam essa extrema desolação, a escravidão de nossos tiranos, o grande número daqueles que foram levados cativos e as suas diversas vicissitudes. Direi ainda a maneira como os romanos perseguiram os que escaparam da guerra e como, depois de os vencer, destruíram completamente as praças e os lugares para onde eles se haviam retirado. Por fim, falarei da visita feita por Tito a toda a província para

restabelecer a ordem e de sua volta à Itália e de seu triunfo. Escreverei todas essas coisas em sete livros, divididos em capítulos, para satisfação das pessoas que amam a verdade, e não tenho motivo para temer que aqueles que tiveram a direção dessa guerra ou que lá se encontraram presentes me acusem de haver faltado à sinceridade. Mas é tempo de começarmos a executar o que prometi.

LIVRO PRIMEIRO

CAPÍTULO 1

CRIAÇÃO DO MUNDO. ADÃO E EVA DESOBEDECEM À ORDEM DE DEUS, E ELE OS EXPULSA DO PARAÍSO TERRESTRE.

1. Gênesis 1. No princípio, Deus criou o céu e a Terra, mas a Terra não era visível porque estava coberta de trevas espessas, e o Espírito de Deus adejava por cima dela. Deus ordenou em seguida que se fizesse a luz, e a luz apareceu imediatamente. Depois de ter considerado essa massa, Deus separou a luz das trevas. Às trevas chamou noite, e à luz, dia, dando ao começo do dia o nome de manhã, e ao fim, o de tarde. Foi ao primeiro dia que Moisés chamou "um dia", e não "o primeiro dia", por razões que eu poderia explicar, mas, como prometi escrever sobre todas essas coisas em um trabalho especial, reservo-me para falar disso nele.

No segundo dia, Deus criou o céu, separou-o de todo o resto e colocou-o por cima, como sendo o mais nobre. Rodeou-o de cristal e temperou-o com umidade própria para formar as chuvas que regam docemente a terra, para torná-la fecunda. No terceiro dia, tornou fixa a terra, rodeou-a pelo mar e fê-la produzir as plantas com as suas respectivas sementes. No quarto dia, criou o Sol, a Lua e os outros astros e colocou-os no céu para lhe serem o ornamento principal. Regulou de tal maneira os seus movimentos e o seu curso que eles determinam claramente as estações e as revoluções do ano. No quinto dia, criou os peixes que nadam na água e os pássaros que voam no ar e quis que formassem casais, a fim de crescerem e se multiplicarem, cada um segundo a sua espécie. No sexto dia, criou os animais terrestres e distinguiu-os em sexos diversos, fazendo-os macho e fêmea. E, nesse mesmo dia, criou também o homem. Assim, segundo o que refere Moisés, Deus criou em seis dias o mundo e todas as coisas que nele existem. No sétimo dia, Ele descansou e deixou de trabalhar as grandes obras da criação do mundo: é por esse motivo que não trabalhamos nesse dia e lhe damos o nome de sábado, que em nossa língua quer dizer "descanso".

2. Gênesis 2. Moisés fala ainda mais particularmente da criação do homem. Ele diz que Deus tomou pó da terra, fez o homem e, com a alma, inspirou nele o espírito e a vida. Ele acrescenta que esse homem foi chamado Adão, que em hebreu significa "ruivo", porque a terra de que ele foi formado era dessa cor, que é a cor da terra natural e a qual se pode chamar virgem.

Deus mandou vir os animais, tanto os machos quanto as fêmeas, para diante de Adão, e este, o primeiro de todos os homens, deu-lhes os nomes que conservam ainda hoje.

3. Deus, vendo que Adão estava sozinho, enquanto os outros animais tinham cada qual uma companheira, quis também dar-lhe uma consorte. Para isso, quando ele estava adormecido, tirou-lhe uma das costelas, da qual formou a mulher. E, logo que Adão a viu, percebeu que ela havia sido tirada dele e que era parte dele mesmo. Os hebreus dão à mulher o nome de Issa, e a que foi a primeira de todas chamou-se Eva, isto é, "mãe de todos os viventes".

4. Moisés narra em seguida como Deus plantou do lado do oriente um delicioso jardim, que cumulo de todas as espécies de plantas, entre elas, duas árvores, uma das quais era a árvore da vida, e a outra, a da ciência, que ensinava a discernir o bem do mal. Ele colocou Adão e Eva nesse jardim e mandou que cultivassem as plantas. O jardim era regado por um grande rio, que o rodeava completamente e se dividia em quatro outros rios. O primeiro desses rios, chamado Pison, que significa "plenitude" e ao qual os gregos chamam Canges, corre para a Índia e desemboca no mar. O segundo, que se chama Eufrates e Forá, em nossa língua, significa "dispersão" ou "flor", e o terceiro, a que chamam Tigre ou Diglath, que significa "estreito e rápido", ambos desembocam no mar Vermelho. O quarto, de nome Giom, que significa "que vem do oriente", é chamado Nilo pelos gregos e atravessa todo o Egito.

5. Deus ordenou a Adão e Eva que comessem de todos os frutos, mas lhes proibiu tocar na árvore da ciência, alertando-os de que morreriam se a comessem. Havia então perfeita harmonia entre todos os animais, e a serpente estava muito acostumada com Adão e Eva. Mas como a sua malícia a fizesse invejar a felicidade de que ambos desfrutariam se observassem a ordem de Deus e julgasse ela que, ao contrário, eles seriam vítimas de todas as desgraças se desobedecessem, tratou de persuadir Eva a comer do fruto proibido. Para melhor induzi-la, disse-lhe que o fruto continha uma virtude secreta, que dava o conhecimento do bem e do mal, e que se ela e o marido comessem dele, seriam tão felizes quanto Deus. Assim, a serpente enganou a mulher, e esta desprezou a ordem divina: comeu o fruto, alegrou-se por tê-lo feito e induziu Adão a comê-lo também. Ora, como era verdade que o fruto dava grandíssimo discernimento, eles logo perceberam que estavam nus e sentiram vergonha. Então tomaram folhas de figueira para se cobrir, julgando-se mais felizes do que antes, porque agora conheciam o que até ali haviam ignorado.

Deus entrou no jardim, e Adão, que antes do pecado conversava familiarmente com Ele, não ousou apresentarse, por causa da falta que havia cometido. Deus perguntou-lhe por que, em vez de sentir prazer em se aproximar dEle, estava fugindo e se escondendo. Como Adão não soubesse o que responder, porque se sentia culpado, Deus lhe disse: "Eu vos havia provido de tudo o que poderíeis desejar para viver sem penas e com prazer uma vida isenta de qualquer cuidado, que teria sido ao mesmo tempo muito longa e feliz.

Mas vós vos opusestes ao meu desígnio, desprezastes a minha ordem e não é por respeito que vos calais, mas porque a vossa consciência vos acusa". Adão, então, fez o que podia para se desculpar, pediu a Deus que lhe perdoasse e lançou a sua falta sobre a mulher, que o enganara e fora a causa de seu pecado. Ela, por sua vez, alegou que a serpente a havia enganado. Por isso Deus, para castigar Adão por assim se ter deixado vencer, declarou que a terra não produziria mais frutos, a não ser para aqueles que a cultivassem com o suor do rosto, e mesmo assim não daria tudo o que dela se poderia desejar. Castigou também Eva, estabelecendo que, por se haver deixado enganar pela serpente e atraído todos aqueles males sobre o marido, ela teria filhos com dor e sofrimento. E, para castigar a serpente pela sua malícia, condenou-a a rastejar pela terra, declarando que ela seria inimiga do homem. Depois que Deus impôs a todos o devido castigo, expulsou Adão e Eva daquele jardim de delícias.

CAPÍTULO 2

CAIM MATA SEU IRMÃO ABEL. DEUS O EXPULSA. SUA POSTERIDADE É TÃO MÁ QUANTO ELE. VIRTUDES DE SETE, OUTRO FILHO DE ADÃO.

6. Gênesis 4. Adão e Eva tiveram dois filhos e três filhas. O primeiro chamava-se Caim, que significa "aquisição", e o segundo, Abei, que quer dizer "aflição". Os dois eram de temperamentos completamente opostos. Abel, que era pastor de rebanhos, era mais justo. Considerava que Deus se fazia presente em todas as suas ações e só pensava em agradar-lhe. Caim, ao contrário, que por primeiro trabalhou a terra, era muito mau. Buscava apenas proveito próprio. A sua horrível impiedade levou-o ao excesso de furor, a ponto de matar o próprio irmão. Eis a causa disso: Ambos resolveram oferecer um sacrifício a Deus, Caim, dos frutos de seu trabalho, e Abel, do leite e das primícias de seu rebanho. Deus demonstrou aceitar melhor o sacrifício de Abel, que era produção livre da natureza, do que a oferta que a avareza de Caim dela havia tirado, quase à força. O orgulho de Caim não pôde tolerar que Deus tivesse preferido o irmão a ele: matou-o e escondeu o corpo, esperando que assim ninguém tivesse ciência de seu crime. Deus, porém, a cujos olhos nada há de oculto, perguntou-lhe onde estava o irmão, que não via há vários dias, pois antes eles estavam sempre juntos. Caim, não sabendo o que responder, disse primeiro que se admirava de também não o ter visto mais. Todavia, como Deus insistisse, respondeu-lhe insolentemente que não era nem senhor nem guarda do irmão e que não se havia encarregado de cuidar daquilo que não lhe dizia respeito. Deus então perguntou-lhe como se atrevia a afirmar nada saber do que acontecera ao irmão, se ele mesmo o havia matado. E, se Caim não tivesse

oferecido imediatamente um sacrifício para acalmar-lhe a cólera, teria recebido naquele mesmo instante o castigo que o seu crime bem merecia. Deus, no entanto, amaldiçoou-o, ameaçou castigar os seus descendentes até a sétima geração e expulsou-o. Porém, como Caim temesse que, andando errante, animais ferozes o devorassem, Deus o tranquilizou contra esse temor. Deus deu-lhe um sinal, com o qual podia ser reconhecido, e ordenou-lhe que se fosse.

7. Depois de haver atravessado diversos países, Caim estabeleceu residência em um lugar chamado Node, onde teve vários filhos. No entanto o castigo, em vez de torná-lo melhor, fê-lo, ao contrário, muito pior. Abandonou-se a toda sorte de prazeres e até usou de violência, apoderando-se de bens alheios para enriquecer-se. Reuniu homens maus e celerados, dos quais se tornou o chefe, e ensinou-os a cometer toda espécie de crimes e de ações ímpias. Mudou a inocente maneira de viver que adotara no princípio, inventou os pesos e as medidas e substituiu a franqueza e a sinceridade, tão mais louváveis e simples, pela astúcia e pelo engano. Ele foi o primeiro a estabelecer limites para a divisão de propriedades e construiu uma cidade. Chamou-a Enoque, nome de seu filho mais velho, rodeou-a de muralhas e a povoou.

Enoque teve por filho Irade, Irade gerou Meujael, Meujael a Metusalém e Metusalém a Lameque. Lameque teve setenta filhos de suas duas esposas, Zilá e Ada, um dos quais, de nome Jabal, filho de Ada, foi o primeiro a morar embaixo de tendas e de pavilhões, levando uma vida de simples pastor. Jubal, seu irmão, inventou a música, o saltério e a harpa. Tubalcaim, filho de Zilá, sobrepujava a todos os outros em coragem e força, e foi grande comandante. Nesse entretanto, enriqueceu e serviu-se de suas riquezas para viver ainda mais suntuosamente do que até então. Ele inventou a arte de forjar e teve apenas uma filha, de nome Naamá. Como Lameque era muito instruído nas coisas divinas, julgou facilmente que sofreria a pena do assassinio de Caim, na pessoa de Abel, e disse-o às suas duas mulheres.

Eis como a posteridade de Caim chafurdou-se em toda espécie de crimes. Não se contentaram em imitar os de seus pais, mas inventaram outros. Entre eles, havia assassinios e latrocínios, e os que não mergulhavam as mãos em sangue estavam cheios de orgulho e de avareza.

8. Adão ainda vivia e tinha cento e trinta anos. A morte de Abel e a fuga de Caim fizeram-no desejar ardentemente outros filhos. E teve mesmo vários: depois de viver ainda oitocentos anos, morreu na idade de novecentos e trinta anos.

9. Seria demasiado longo discorrer sobre todos os filhos de Adão. Contentar-me-ei em dizer algo de um deles, de nome Sete. Educado junto de seu pai, deu-se com afeto à virtude. Deixou filhos semelhantes a ele, que permaneceram em sua terra, onde viveram felizes e em perfeita união. Deve-

se ao seu espírito e ao seu trabalho a ciência dos astros. Como os seus filhos haviam sido informados por Adão que o mundo pereceria pela água e pelo fogo, o medo de que essa ciência se perdesse antes que os homens a aprendessem levou-os a construir duas colunas, uma de tijolos e outra de pedras, e sobre elas gravaram os conhecimentos que possuíam. Se um dilúvio destruísse a coluna de tijolos, ficaria a de pedras, para conservar à posteridade a memória daquilo que haviam escrito. A providência deles deu bom resultado, e afirma-se que a coluna de pedras pode ser vista ainda hoje, na Síria.

CAPÍTULO 3

DA POSTERIDADE DE ADÃO ATÉ O DILÚVIO, DO QUAL DEUS PRESERVOU NOÉ POR MEIO DA ARCA, PROMETENDO-LHE NÃO MAIS CASTIGAR OS HOMENS COM DILÚVIO.

10. Gênesis 5. Sete gerações continuaram a viver no exercício da virtude e no culto do verdadeiro Deus, ao qual reconheciam por único Senhor do universo.

Mas as que vieram em seguida não imitaram os costumes dos pais. Não prestavam mais a Deus a honra que lhe era devida nem exerciam mais a justiça para com os homens, mas se entregavam com mais ardor ainda a toda sorte de crimes, enquanto os seus antepassados se haviam dedicado à prática de toda espécie de virtudes. Assim, atraíram sobre si a cólera de Deus, e os grandes* da terra, que se haviam casado com as filhas dos descendentes de Caim, produziram uma raça indolente que, pela confiança que depositavam na própria força, se vangloriava de calcar aos pés a justiça e imitava os gigantes de que falam os gregos.

* Nessa época, havia duas raças distintas: a descendência de Sete e a de Caim. Os expositores modernos, em sua maioria, concordam que os "filhos de Deus", citados em Gênesis 6.2, constituíam a descendência de Sete, e os "filhos dos homens", a descendência de Caim. (N do E)

11. Noé, entristecido pela dor de vê-los imersos nos crimes, exortava-os a mudar de vida. Mas quando viu que em vez de seguir os seus conselhos eles se tornavam cada vez piores, o temor de que o fizessem morrer com toda a sua família levou-o a deixar a sua pátria. Deus, que o amava por causa de sua probidade, ficou tão irritado pela malícia e corrupção do resto dos homens que resolveu não somente castigá-los, mas exterminá-los completamente e

repovoar a terra com homens que vivessem na pureza e na inocência. Assim, abreviou-lhes o tempo da vida, reduzindo-o a cento e vinte anos, inundou a terra de modo a parecer que ela havia sido tomada pelo mar e fê-los todos perecer nas águas, com exceção de Noé. A este, para salvá-lo, ordenou que construísse uma arca de quatro andares, com trezentos côvados de comprimento, cinqüenta de largura e trinta de altura; que lá se encerrasse com a esposa, os três filhos e as três esposas deles; e que levasse todo o necessário para o seu alimento e também para os animais de todas as espécies, os quais ele deveria levar consigo, para conservar-lhes a raça. Isto é, um casal de cada espécie, macho e fêmea, e sete casais de algumas. O teto e os lados da arca eram tão fortes que ela resistiu à violência das águas e dos ventos e salvou Noé e sua família da inundação geral que fez morrer todos os outros homens. Ele era o décimo descendente de Adão, de masculino em masculino, pois era filho de Lameque, que era filho de Metusalém.

Metusalém era filho de Jared. Jared era filho de Maalalel, que tinha vários irmãos. Maalalel era filho de Cain . Cain  era filho de Enos. Enos era filho de Sete, e Sete era filho de Adão.

12. Noé tinha seiscentos anos quando veio o dilúvio. Foi no segundo mês, que os macedônios chamam dius, e os hebreus, maresv , pois os egípcios assim dividiram o ano. Quanto a Moisés, ele deu, nos seus fastos, o primeiro lugar ao mês chamado nis , que   o x ntico maced nio, porque foi nesse m s que ele retirou os hebreus da terra do Egito e por essa razão começou por esse mesmo mês a registrar o que se refere ao culto a Deus. No que se refere às coisas civis, no entanto, como as feiras e mercados determinados pelo comércio e empreendimentos semelhantes, não houve mudança alguma. Moisés registra que a chuva causadora do dilúvio geral começou a cair no dia 27 do segundo mês do ano 2256 depois da cria o de Adão. A Sagrada Escritura faz o cáculo disso e anota com cuidado muito particular o nascimento e a morte dos grandes personagens daquele tempo. * Adão viveu novecentos e trinta anos e tinha duzentos e trinta** quando nasceu o seu filho Sete. Sete viveu novecentos e doze anos e tinha duzentos e cinco quando nasceu o seu filho Enos. Enos viveu novecentos e cinco anos e tinha cento e noventa quando nasceu o seu filho Cain . Cain  viveu novecentos e dez anos e tinha cento e setenta quando nasceu o seu filho Maalalel.

Maalalel viveu oitocentos e noventa e cinco anos e tinha cento e sessenta e cinco quando nasceu o seu filho Jared. Jared viveu novecentos e sessenta e dois anos e tinha cento e sessenta e dois quando nasceu o seu filho Enoque. Enoque viveu trezentos e sessenta e cinco anos e tinha cento e sessenta e cinco quando nasceu o seu filho Metusalem. Na idade de trezentos e sessenta e cinco anos, foi tirado do mundo, e ninguém escreveu sobre a sua morte.

Metusalem viveu novecentos e sessenta e nove anos e tinha cento e oitenta e sete quando nasceu o seu filho

Lameque. Lameque viveu setecentos e setenta e sete anos e tinha cento e oitenta e dois quando nasceu o seu filho Noé. Noé viveu novecentos e cinqüenta anos, os quais, acrescentados aos seiscentos que já contava na ocasião do dilúvio, perfazem o número anteriormente assinalado de dois mil duzentos e cinqüenta e seis anos. Foi mais conveniente para esse cálculo citar, como fiz, a época do nascimento desses primeiros homens, e não a de sua morte, porque a vida deles era tão longa que se estendia até a posteridade mais remota.

* Este trecho está inteiramente corrompido no texto grego e foi corrigido pelo que dizem os manuscritos.

** Algumas idades neste trecho diferem do relato bíblico porque seguem a cronologia da Septuaginta — o texto da Bíblia é baseado na cronologia hebraica. (N do E)

13. Gênesis 7e8. Deus, então, deu o sinal e livre curso às águas, a fim de inundarem a terra, e elas elevaram-se, por uma chuva contínua de quarenta dias, até quinze côvados acima das mais altas montanhas e não deixaram nenhum lugar para onde o povo pudesse fugir e salvar-se. Depois que a chuva cessou, passaram-se cento e cinqüenta dias antes que as águas se retirassem, e somente no vigésimo sétimo dia do sétimo mês a arca se deteve sobre o vértice de uma montanha da Armênia. Noé então, abriu uma janela e, vendo um pouco de terra ao redor da arca, começou a se consolar e a conceber melhores esperanças. Alguns dias depois, ele fez sair um corvo para saber se havia ainda outros lugares de onde as águas se tivessem retirado completamente e se ele podia sair sem perigo. O corvo, porém, achando a terra ainda toda inundada, voltou à arca. Sete dias depois, Noé fez sair uma pomba, e ela voltou com os pés enlameados, trazendo no bico um ramo de oliveira. Assim, ele soube que o dilúvio havia cessado. Após haver esperado outros sete dias, fez sair todos os animais que estavam na arca. E ele também saiu, com a mulher e os filhos, ofereceu um sacrifício a Deus em ação de graças e deu um banquete à família.

Os armênios chamaram a esse lugar Descida ou Saída, e os seus habitantes apontam ainda hoje alguns restos da arca. Todos os historiadores, mesmo os bárbaros, falam do dilúvio e da arca, dentre outros Beroso, caldeu. Eis as suas palavras: "Diz-se que ainda hoje se veem restos da arca sobre a montanha dos Cordiens, na Armênia, e alguns levam desse lugar pedaços de betume, com o qual ela estava recoberta, e dele se servem como impermeabilizante". Jerônimo, egípcio que escreveu sobre as antigüidades dos fenícios, Mnazeas e

vários outros disso falam também. Nicolau de Damasco, no nonagésimo sexto livro de sua história, menciona-o nestes termos: "Há na Armênia, na província de Miniade, uma alta montanha chamada Baris, sobre a qual, diz-se, muitos se salvaram durante o dilúvio, e que uma arca cujos restos se conservaram por vários anos, e na qual um homem se havia encerrado, deteve-se no cume dessa montanha. Há probabilidade de que esse homem é aquele de que fala Moisés, o legislador dos judeus".

14. Gênesis 8 e 9. Com medo de que Deus inundasse a terra todos os anos, a fim de exterminar a raça dos homens, Noé ofereceu-lhe vítimas, rogando que nada mudasse na ordem estabelecida anteriormente e que Ele não usasse de tal rigor, fazendo perecer todas as criaturas vivas, mas se contentasse por ter castigado os maus, como os seus crimes mereciam, e por ter poupado os inocentes, aos quais Ele quisera salvar a vida. Pois, de outro modo, eles seriam ainda mais infelizes do que os que haviam sido sepultados nas águas, tendo visto com tremor tão estranha desolação e tendo dela sido preservados apenas para perecer mais tarde, de maneira semelhante. Assim, rogava que Deus aceitasse o seu sacrifício e não mais olhasse para a terra com cólera, de modo que ele e seus descendentes pudessem cultivá-la sem medo, construir cidades, desfrutar de todos os bens que possuíam antes do dilúvio e passar uma vida tão longa quanto feliz, como a de seus antepassados.

Como Noé era homem justo, Deus atendeu à sua oração e concedeu-lhe o que pedia, dizendo-lhe que não fora o patriarca a causa dos que se haviam perdido no dilúvio; que eles só podiam acusar a si mesmos pelo castigo recebido; que, se tivesse querido perdê-los, não os teria feito nascer, sendo mais fácil não dar a vida do que a tirar após tê-la concedido; que eles deviam, portanto, atribuir os castigos aos seus próprios crimes; que, em consideração à sua oração, não lhes seria mais tão severo no futuro; e que, quando viessem tempestades e furacões extraordinários, nem ele nem seus descendentes deveriam pensar num outro dilúvio, pois Ele não mais permitiria que as águas inundassem a terra. Contudo proibia a ele e aos seus manchar as mãos no sangue, e ordenava-lhes que castigassem severamente os homicidas, e os fazia senhores absolutos dos animais, para dispor deles como quisessem, exceto de seu sangue, do qual não podiam usar como do resto, porque no sangue está a vida. "E meu arco", acrescentou, "que vereis no céu, será o sinal e a garantia da promessa que vos faço". Isso disse Deus a Noé. E ao arco que apareceu no céu, chamaram arco de Deus.

15. Noé viveu trezentos e cinqüenta anos depois do dilúvio, na máxima prosperidade, e morreu com novecentos e cinqüenta anos de idade. Por maior que seja a diferença entre a pouca duração da vida dos homens de hoje e a longa duração da dos de que acabo de falar, o que narro não deve passar por

inverossímil. É que, além de os nossos antepassados serem muito queridos de Deus, e como obra que Ele havia feito com as próprias mãos, os alimentos de que se nutriam eram mais apropriados para conservar a vida. E Deus a prolongava, tanto por causa de sua virtude como para lhes dar meios de aperfeiçoar as ciências da geometria e da astronomia, que eles haviam inventado — o que eles não teriam podido fazer se tivessem vivido menos de seiscentos anos, pois é somente após a revolução de seis séculos que se completa o grande ano. Todos os que escreveram a história, tanto da Grécia como de outras nações, dão testemunho do que digo. Mâneto, que escreveu a história dos egípcios, Berose, que nos deixou a dos caldeus. Moco, Hestieu e Jerônimo, que escreveram a dos fenícios, dizem também a mesma coisa. Hesíodo, Hecateu, Ascausila, Helânico, Éforo e Nicolau, referem que esses primeiros homens viviam até mil anos. Deixo aos que lerem isto que façam o juízo que quiserem.

CAPÍTULO 4

NINRODE, NETO DE NOÉ, CONSTRÓI A TORRE DE BABEL, E DEUS, PARA CONFUNDI-LOS E DESTRUIR ESSA OBRA, MANDA A CONFUSÃO DE LÍNGUAS.

16. Gênesis 10 e 11. Os três filhos de Noé, Sem, jafé e Cam, nascidos cem anos antes do dilúvio, foram os primeiros a deixar as montanhas para morar nas planícies, o que os outros não ousavam fazer, assustados ainda com a desolação universal causada pelo dilúvio. Mas o exemplo daqueles animou estes a imitá-los. Deram o nome de Sinar à primeira terra em que habitaram. Deus ordenou que mandassem colônias a outros lugares, a fim de que, multiplicando-se e estendendo-se, pudessem cultivar mais terras, colher frutos em maior abundância e evitar as divergências que de outro modo poderiam ser suscitadas entre eles. Porém esses homens rudes e indóceis não obedeceram e, pelo seu pecado, foram castigados com os males que lhes sucederam. E Deus, vendo que o seu número crescia sempre, ordenou-lhes segunda vez que formassem novas colônias.

Esses ingratos, porém, esquecidos de que deviam a Ele todos os seus bens e atribuindo-os a si mesmos, continuaram a desobedecer-lhe e acrescentaram à sua desobediência a impiedade de imaginar que era uma cilada que se lhes armava, a fim de que, estando divididos, pudesse Deus mais facilmente destruí-los. Ninrode, neto de Cam, um dos filhos de Noé, foi quem os levou a desprezar a Deus dessa maneira. Ao mesmo tempo valente e corajoso, persuadiu-os de que deviam unicamente ao seu próprio valor, e não a Deus, toda a sua boa fortuna. E, como aspirava ao governo e queria que o escolhessem como chefe,

abandonando a Deus, ofereceu-se para protegê-los contra Ele (caso Deus ameaçasse a terra com outro dilúvio), construindo uma torre para esse fim, tão alta que não somente as águas não poderiam chegar-lhe ao cimo como ainda ele vingaria a morte de seus antepassados.

O povo, insensato, deixou-se dominar pela estulta convicção de que lhes seria vergonhoso ceder a Deus, e começaram a trabalhar nessa obra com incrível ardor. A multidão e a atividade dos operários fez com que a torre em pouco tempo se elevasse a uma altura acima de qualquer expectativa, mas a sua debilidade fazia com que parecesse menos alta do que era de fato. Construíram-na de tijolos, cimentando-a com betume, para torná-la mais forte. Deus, irado com essa loucura, não quis no entanto exterminá-los, como fizera aos seus predecessores, cujo exemplo, aliás, lhes havia sido de todo inútil, mas pôs divisão entre eles, fazendo com que a única língua que falavam se multiplicasse num instante, de tal modo que não mais se entendiam. A confusão fez com que se desse ao lugar onde se havia construído a torre o nome de Babilônia, pois Babel em hebreu significa "confusão". A Sibila assim descreve esse grande acontecimento: "Todos os homens que então tinham uma só língua construíram torre tão alta que parecia que ela se elevaria até o céu. Mas os deuses levantaram contra ela tão violenta tempestade que ela foi derribada e fizeram com que aqueles que a haviam construído falassem no mesmo instante diversas línguas. Isso foi causa de que se desse o nome de Babilônia à cidade que depois foi construída naquele mesmo lugar". Hestieu também fala do campo de Sinar, onde Babilônia está localizada: "Diz-se que os sacerdotes que se salvaram dessa grande catástrofe com as coisas sagradas, destinadas ao culto de Júpiter, o vencedor, vieram a Sinar de Babilônia".

CAPÍTULO 5

COMO OS DESCENDENTES DE NOÉ SE ESPALHARAM PELOS DIVERSOS LUGARES DA TERRA.

17. Gênesis 10. A diversidade de línguas obrigou a multidão quase infinita desse povo a dividir-se em diversas colônias, segundo Deus, por sua providência, os ia levando. Assim, não somente o meio da terra, mas também as margens do mar encheram-se de habitantes. Houve mesmo quem embarcasse em navios e passasse às ilhas. Algumas dessas nações conservam ainda os nomes dados por aqueles que lhes deram origem, outras mudaramnos e outras ainda, por fim, em vez dos nomes bárbaros que antes possuíam, receberam nomes que eram do agrado daqueles que nelas vinham se estabelecer. Os gregos foram os principais autores dessa mudança, pois,

havendo-se tornado senhores de todos esses países, davam-lhes nomes e como bem desejavam impunham leis aos povos conquistados, usurpando, assim, a glória de passar por seus fundadores.

CAPÍTULO 6

DESCENDENTES DE NOÉ ATÉ JACÓ. DIVERSOS PAÍSES QUE ELES OCUPARAM.

18. Gênesis 10. Os filhos dos filhos de Noé, para honrar-lhe a memória, deram os próprios nomes aos países onde se estabeleceram. Assim, os sete filhos de Jafé, que se estabeleceram pela Ásia desde o monte Tauro e o Amã até o rio de Tanais e na Europa até Gades, deram os seus nomes às terras que ocuparam e que não eram ainda povoadas. Gomer fundou a colônia dos gôrneres, que os gregos chamam gaiatas. Magogue fundou a dos magogianos, a que chamam citas. Javã deu o nome à Jônia e a toda a nação dos gregos. Madai foi o fundador dos madianos, que os gregos chamam medas. Tubal deu o seu nome aos tubalinos, que agora se chamam iberos.* Meseque deu o próprio nome aos mescinianos (o de capadóciós, que eles têm agora, é novo), e ainda hoje uma de suas cidades tem o nome de Malaca, o que nos mostra que essa cidade antigamente se chamava assim. Tiras deu o seu nome aos tírios, dos quais foi o príncipe e que os gregos chamam trációs. Assim, todas essas nações foram fundadas pelos filhos de Jafé.

Gomer, que era o mais velho dos filhos de Jafé, teve três filhos: Asquenaz, que deu o seu nome aos asquenázios, aos quais os gregos chamam reginianos; Rifate, que deu o seu nome aos rifanianos, aos quais os gregos chamam paflagonianos; Togarma, que deu o seu nome aos togarmanianos, aos quais os gregos chamam frígios.

Javã, outro filho de Jafé, teve quatro filhos: Elisa, Társis, Quitim e Dodanim. Elisa deu o seu nome aos elisamos, que hoje se chamam ecolianos. Társis deu o seu nome aos tarsianos, que hoje são os cilicianos, cuja principal cidade ainda hoje se chama Tarso. Quitim ocupou a ilha que agora se chama Chipre, à qual deu o seu nome, razão por que os hebreus chamam de Quitim todas as ilhas e todos os lugares marítimos. Ainda hoje, uma das cidades da ilha de Chipre é chamada Citium por aqueles que dão nomes gregos a todas as coisas, que pouco difere do nome Quitim. Eis as nações de que os filhos de Jafé se tornaram senhores. Antes de retomar o fio de minha narração acrescentarei uma coisa que talvez os gregos ignorem: esses nomes foram mudados segundo a maneira de falar, para tornar a pronúncia mais agradável, pois entre nós não serão jamais mudados.

* Ou espanhóis.

19. Os filhos de Cam ocuparam a Síria e todos os países que estão além dos montes de Amã e do Líbano até o oceano, dando-lhes nomes dos quais alguns são hoje inteiramente desconhecidos, e outros, modificados de tal modo que mal se poderiam reconhecer. Somente os etíopes, dos quais Cuxe, filho de um dos quatro filhos de Cam, foi príncipe, conservaram o nome ancestral, não somente naquele país mas em toda a Ásia. Ainda hoje eles são chamados cuxeenses. Os mizraenses, descendentes de Mizraim, também conservaram o seu nome, pois nós chamamos Mizraim ao Egito e mizraenses aos egípcios. Pute povoou a Líbia e chamou a esses povos com o seu nome: puteenses. Existe ainda hoje, na Mauritânia, um rio que tem esse nome, e vários historiadores gregos o mencionam, como também ao país vizinho, a que chamam Pute, mas que depois mudou de nome, por causa de um dos filhos de Mizraim, Leabim. Direi em seguida por que lhe deram o nome de África. Canaã, quarto filho de Cam, estabeleceu-se na Judéia, a que chamou com o seu nome: Canaã.

Cuxe, o mais velho dos filhos de Cam, teve seis filhos: Sebá, príncipe dos sebaenses; Havilá, príncipe dos havilenses, que agora são chamados getulienses; Sabtá, príncipe dos sabataenses, a que os gregos chamam astabarienses; Raamá, príncipe dos ramaenses (que teve dois filhos, que moram entre os etíopes ocidentais: um de nome Dedã e outro de nome Sabá, que deu nome aos sabaenses); Sabtecá. Quanto a Ninrode, sexto filho de Cuxe, ficou entre os babilônios e tornou-se senhor deles, como já o disse anteriormente.

Mizraim foi pai de oito filhos, que ocuparam todos os países que estão entre Gaza e o Egito. Mas somente um desses oito, Filistim, manteve o nome no seu país — os gregos deram o nome de Palestina a uma parte dessa província. Quanto aos sete outros irmãos, chamados Ludim, Anamim, Leabim, Naftuim, Patrusim, Casluim e Caftorim, com exceção de Leabim, que fundou uma colônia na Líbia e lhe deu o seu nome, nada sabemos de suas obras, porque as cidades que construíram foram destruídas pelos etíopes, como diremos a seu tempo.

Canaã teve onze filhos: Sidônio, que construiu na Fenícia uma cidade à qual deu o seu nome e à qual os gregos chamam Sidom; Hamate, que construiu a cidade de Hamate, que ainda hoje se vê e conserva o mesmo nome entre os que nela habitam, embora os macedônios lhe chamem Epifania, nome de um de seus príncipes; Arqueu, que teve como herança a ilha de Aruda; Amom, que teve a cidade de Arce, situada no monte Líbano. Quanto aos outros sete irmãos, chamados Heveu, Hete, Jebuseu, Arvadeu, Sineu, Zemarco e Cigaseu, só ficaram os nomes nas Sagradas Escrituras, porque os hebreus destruíram-lhes as cidades por motivo que depois direi.

Gênesis 9. Quando, depois do dilúvio, a terra foi restaurada ao seu estado primitivo, Noé cultivou-a como antes e plantou uma vinha, da qual ofereceu as primícias a Deus. Bebeu vinho que dela fez e, como não estava acostumado a uma bebida tão forte e ao mesmo tempo tão deliciosa, bebeu demais e ficou embriagado. Dormiu em seguida, tendo-se descoberto ao dormir, contra o que lhe permitia a decência. Cam, o mais novo de seus filhos, vendo naquele estado, zombou dele e mostrou-o aos irmãos. Estes, porém, ao contrário, cobriram a nudez do pai com o respeito que lhe deviam. Noé, ao saber o que se havia passado, deu-lhes a sua bênção, e a ternura paternal fê-lo perdoar Cam, contentando-se em amaldiçoar apenas os seus descendentes, que foram assim castigados pelo pecado de seu pai, como iremos expor em seguida.

20. Gênesis 11. Sem, outro filho de Noé, teve cinco filhos, que estenderam o seu

domínio desde a Ásia, a partir do rio Eufrates, até o oceano Índico. De Elão, o mais velho, vieram os elameenses, e dele os persas tiveram a sua origem. Assur, o segundo, construiu a cidade de Nínive e deu o nome de assírios aos seus súditos, os quais foram extraordinariamente ricos e poderosos. Arfaxade, o terceiro, também chamou aos seus pelo seu nome, isto é, arfaxadeenses, que são hoje os caldeus. De Arã, o quarto, vieram os arameenses, aos quais os gregos chamam sírios, e de Lude, o quinto, vieram os ludeenses, que hoje são chamados lídios.

Arã teve quatro filhos, dos quais Uz, o mais velho, estabeleceu-se na Traconites e aí construiu a cidade de Damasco, que está situada entre a Palestina e a Síria, cognominada Coelem. Hul, o segundo, ocupou a Armênia. Geter, o terceiro, foi príncipe dos bactrianos. E Más, o quarto, dominou os mesanianos, cujo país hoje se chama o vale de Pasin.

Arfaxade foi pai de Sala, e Sala, pai de Éber, de cujo nome os judeus foram chamados hebreus. Éber teve por filhos Joctã e Pelegue, este nascido quando se fazia a divisão das terras, pois Pelegue em hebreu significa "partilha", joctã teve treze filhos: Almodá, Selef, Hazar-Mavé, Jerá, Hadorão, Uzal, Dicla, Obal, Abimael, Sabá, Ofir, Havilá e Jobabe, que se espalharam desde o rio Confem, que está na Índia, até a Assíria.

Depois de haver falado dos descendentes de Sem, é preciso agora falar dos hebreus, descendentes de Éber. Pelegue, filho de Éber, teve por filho Reú. Reú teve Serugue, Serugue teve Naor e Naor teve Terá, pai de Abraão, que assim foi o décimo desde Noé e nasceu duzentos e noventa e dois anos após o dilúvio, pois Terá tinha setenta anos ao nascer Abraão. Naor tinha vinte e nove anos quando teve Terá, Serugue tinha trinta anos quando teve Naor, Reú tinha trinta e dois anos quando teve Serugue, Pelegue tinha trinta anos quando teve Reú, Éber tinha trinta e quatro anos quando teve Pelegue, Sala tinha trinta anos

quando teve Éber. Arfaxade tinha trinta e cinco anos quando teve Sala e Arfaxade, filho de Sem e neto de Noé, nasceu dois anos após o dilúvio.

21. Abraão teve dois irmãos: Naor e Harã. Este morreu na cidade de Ur da Caldéia, onde ainda hoje se vê o seu sepulcro, e deixou um filho de nome de Ló e duas filhas: Sara e Milca. Abraão desposou Sara, e Naor desposou Milca.

Terá, pai de Abraão, tendo concebido aversão pela Caldéia, porque lá perdera o filho Arã, deixou-a e foi com toda a família para Harã, na Mesopotâmia. E lá morreu, com a idade de duzentos e cinco anos — a duração da vida humana já ia pouco a pouco diminuindo, continuou a diminuir até Moisés, e foi então que Deus a reduziu a cento e vinte anos, o tempo que viveu esse admirável legislador. Naor teve de sua mulher, Milca, oito filhos: Uz, Buz, Quemuel, Quésede, Hazo, Pildas, jidrafe e Betuel; de Reumá, sua concubina, teve Teba, Gaã, Taás e Maaca. Betuel, que foi o último filho de Naor, teve um filho de nome Labão e uma filha de nome Rebeca.

CAPÍTULO 7

DO FILHOS, ADOTA LÓ, SEU SOBRINHO, DEIXA A CALDÉIA E VAI MORAR EM CANAÃ.

22. Gênesis 12. Abraão, não tendo filhos, adotou Ló, filho de seu irmão Arã e irmão de sua mulher, Sara. E, para obedecer à ordem que havia recebido de Deus, deixou a Caldéia na idade de setenta e cinco anos e foi morar na terra de Canaã, a qual deixou à sua posteridade. Era homem muito sensato, prudente e de grande espírito e tão eloqüente que podia persuadir sobre o que quisesse. Como nenhum outro o igualava em capacidade e em virtude, deu aos homens um conhecimento muito mais perfeito da grandeza de Deus, como jamais tiveram antes. Foi ele quem primeiro ousou dizer que existe um só Deus, que o universo é obra das mãos dEle e que a nossa felicidade deve ser atribuída unicamente à sua bondade, e não às nossas próprias forças.

O que o levava a falar dessa maneira era o fato de ter deduzido, após considerar atentamente o que se passava sobre a terra e sobre o mar e o curso do Sol, da Lua e das estrelas, que há um poder superior regulando esses movimentos, sem o qual todas as coisas cairiam em confusão e desordem, por não terem de si mesmas poder algum para nos proporcionar os benefícios que delas haurimos — elas os recebem dessa potência superior, à qual estão absolutamente sujeitas, o que nos obriga a honrar somente a Ele e a reconhecer o que lhe devemos por contínuas ações de graças. Os caldeus e os outros povos da Mesopotâmia, não podendo tolerar as palavras de Abraão, levantaram-se contra ele. Assim, por ordem e com o auxílio de Deus, ele saiu do país para ir

morar na terra de Canaã. Lá, construiu um altar e ofereceu a Deus um sacrifício. Berose, sem nomeá-lo, fala nestes termos desse grande homem: "Na décima era, depois do dilúvio, havia entre os caldeus um homem muito justo e muito hábil na ciência dos astros". Hecateu cita-o somente de passagem, mas escreveu um livro inteiro sobre esse assunto. Lemos no quarto livro da história de Nicoiau de Damasco estas apropriadas palavras: "Abraão saiu com grande acompanhamento da terra dos caldeus, que está acima da Babilônia, reinou em Damasco e partiu algum tempo depois com todo o seu povo, estabeleceu-se na terra de Canaã, que agora se chama Judéia, onde a sua posteridade se multiplicou de maneira incrível, como direi mais particularmente em outro lugar. O nome de Abraão é ainda hoje muito célebre e tido em grande veneração na terra de Damasco. Vê-se aí uma aldeia que tem o seu nome e onde se diz que ele morou".

CAPÍTULO 8

UMA GRANDE CARESTIA OBRIGA ABRAÃO A IR AO EGITO. O FARAÓ IA-SE POR SARA. DEUS A PRESERVA. ABRAÃO RETORNA PARA CANAÃ E DIVIDE OS SEUS BENS COM LÓ, SEU SOBRINHO.

23. Gênesis 12 e 13. O país de Canaã foi então assolado por grande carestia, e Abraão, tendo sabido nesse mesmo tempo que o Egito desfrutava grande abundância, resolveu tanto mais facilmente ir para lá quanto lhe era interessante conhecer os sentimentos dos sacerdotes daquele país com relação à Divindade. E, se eles fossem mais bem instruídos do que ele, conformar-se-ia à sua crença, mas se, ao contrário, ele fosse o mais instruído, comunicaria a eles a sua fé. Como Sara, sua esposa, era muito formosa, e sabendo ele da incontinência dos egípcios, e temendo que o rei se apaixonasse por ela e o mandasse matar, fingiu que ela era sua irmã e ensinou-lhe como proceder para evitar esse perigo.

O que ele havia previsto aconteceu. A fama da beleza de Sara espalhou-se logo. O rei quis vê-la e não somente vê-la, como também possuí-la. Deus, porém, impediu a realização do seu mau desígnio por meio de uma peste, que lhe avassalou o reino, e pela revolta dos seus súditos. Por isso o príncipe consultou os seus sacerdotes, para saber de que maneira se poderia aplacar a cólera divina. Responderam-lhe que a violência que ele queria fazer à mulher de um estrangeiro era a causa daquilo. Faraó, espantado com a resposta, perguntou quem era essa mulher e quem era esse estrangeiro. Depois de haver sabido de tudo, pediu grandes desculpas a Abraão, disse-lhe que julgara que fosse sua irmã, e não sua mulher, e que em vez de querer fazer-lhe afronta não

tivera outro intento senão contrair aliança com ele. Deu-lhe em seguida grande soma de dinheiro e permitiu-lhe conversar com os homens mais instruídos do reino.

Essa conversa tornou conhecida a sua virtude e granjeou-lhe grande renome, pois apesar de os sábios do Egito serem de sentimentos diversos, impondo essa diversidade uma grande divisão entre eles e Abraão, ele tão claramente lhes deu a conhecer que estavam longe da verdade que eles lhe admiraram mais a grandeza de espírito que o dom de persuadir. Ele ensinou-lhes até mesmo a aritmética e a ciência dos astros, que lhes eram desconhecidas: foi por meio dele que essas ciências passaram dos caldeus aos egípcios e dos egípcios aos gregos.

24. Abraão, ao voltar a Canaã, dividiu o país com Ló, seu sobrinho. Os guardas deseus rebanhos estavam brigados uns com os outros por causa das pastagens. Então ele disse a Ló que escolhesse e tomou para si o que o outro não quis, contentando-se com as terras que estão ao pé das montanhas. Estabeleceu em seguida a sua moradia na cidade de Hebrom, que é sete anos mais velha que Tanis, no Egito. Quanto a Ló, escolheu ele as planícies que estão ao longo do rio Jordão e próximas da cidade de Sodoma, que estava então em franco progresso, mas que agora se acha inteiramente destruída pela justa vingança de Deus — e nada resta dela, nem mesmo o menor vestígio, como diremos em seguida.

CAPÍTULO 9

DERROTAM SODOMA. LEVAM DIVERSOS PRISIONEIROS, DENTRE ELES LÓ, QUE VIERA PRESTAR AUXÍLIO.

25. Gênesis 14. O império da Ásia achava-se então nas mãos dos assírios, e o país de Sodoma estava tão populoso e tão rico que era governado por cinco reis de nome Bera, Birsá, Sinabe, Semeber e Bela. Os assírios atacaram-nos com grande e poderoso exército, que dividiram em quatro corpos, comandados por quatro chefes. Tendo obtido a vitória depois de sangrento combate, obrigaram os reis de Sodoma a pagar tributo. Estes lhes estiveram sujeitos durante doze anos. No décimo terceiro ano, revoltaram-se. Os assírios, para se vingar, voltaram segunda vez, sob o comando de Marfede, de Arioque, de Codologomo e de Tidal, devastaram toda a Síria, subjugaram os descendentes dos gigantes e entraram nas terras de Sodoma, onde acamparam no vale que tinha o nome de Poços de Betume, por causa dos poços de betume natural que ali existiam, mas que depois da destruição de Sodoma foi mudado num lago que se chama Asfaltite, porque o betume dele sai continuamente aos borbotões. Travou-se

grande combate, que foi muito renhido: vários de Sodoma foram mortos e muitos foram feitos prisioneiros, dentre os quais estava Ló, que viera prestar auxílio.

CAPÍTULO 10

ABRAÃO PERSEGUE OS ASSÍRIOS, AFUGENTA-OS, LIBERTA LÓ E TODOS OS OUTROS PRISIONEIRO. O REI DE SODOMA E MELQUISEDEQUE, REI DE JERUSALÉM, PRESTAM-LHE GRANDES HONRAS. DEUS PROMETE-LHE QUE ELE TERÁ UM

SARA. NASCIMENTO DE ISMAEL, FILHO DE ABRAÃO E AGAR. CIRCUNCISÃO ORDENADA POR DEUS.

26. Gênesis 14. Abraão ficou tão comovido com a derrota dos habitantes de

Sodoma, que eram seus vizinhos e amigos, e com o cativo de Ló, seu sobrinho, que resolveu ajudá-los. Sem retardar um só momento, seguiu os assírios e alcançou-os no quinto dia, perto de Dã, uma das nascentes do Jordão. Surpreendeu-os à noite vencidos pelo vinho e pelo sono e matou grande parte deles. Pôs os restantes em fuga e perseguiu-os todo o dia seguinte até Soba de Damasco. Esse grande feito fez ver que a vitória não depende do grande número, mas da coragem dos combatentes, pois Abraão tinha com ele apenas trezentos e dezoito homens e três de seus amigos quando derrotou aquele grande exército. Os poucos assírios que restaram fugiram para o seu país cobertos de vergonha e de confusão. Assim, Abraão libertou Ló e todos os outros prisioneiros e voltou plenamente vitorioso.

27. O rei de Sodoma veio até ele no lugar a que chamam Campo Real, onde o rei de Salém, que agora é Jerusalém, o recebeu com grandes demonstrações de estima e de amizade. Esse príncipe chamava-se Melquisedeque, isto é, "rei justo". E ele era verdadeiramente justo, pois a sua virtude era tal que, por consentimento unânime, havia sido feito sacerdote do Deus Todo-poderoso. Ele não se contentou em receber penas a Abraão, mas também a todos os seus. Deu-lhes, no meio dos banquetes que realizou, os louvores devidos à sua coragem e virtude e prestou a Deus públicas ações de graças por tão gloriosa vitória. Abraão, por sua vez, ofereceu a Melquisedeque a décima parte dos despojos que tomara dos inimigos, e este aceitou, já o rei de Sodoma, ao qual Abraão ofereceu também parte dos despojos, teve dificuldade em receber a oferta, contentando-se com a parte de seus súditos.

Mas Abraão o obrigou a receber tudo, reservando-se somente alguns víveres para os seus homens e uma parte dos despojos para os seus três amigos, Escol, Aner e Manre, que o haviam acompanhado.

28. Gênesis 15. Esse ato generoso de Abraão foi tão agradável aos olhos de Deus que Ele afirmou que não o deixaria sem recompensa, pelo que Abraão respondeu: "E como, Senhor, os vossos benefícios me poderiam dar alegria, pois que não deixarei a ninguém depois de mim que deles possa gozar e possuí-los?" Ele ainda não tinha filhos. Então Deus prometeu que lhe daria um filho e que a sua posteridade seria tão grande que igualaria o número das estrelas. Ordenou-lhe em seguida que oferecesse um sacrifício, e eis a ordem que ele observou: tomou uma novilha de três anos, uma cabra e um carneiro da mesma idade, que cortou em pedaços, e uma rola e uma pomba, que ofereceu inteiras, sem partir. Antes de erguer o altar, quando as aves adejavam em torno das vítimas, para se alimentar de seu sangue, ele ouviu uma voz do céu vaticinando que os seus descendentes sofreriam durante quatrocentos anos grande perseguição no Egito, mas que triunfariam enfim sobre os seus inimigos, venceriam os cananeus e se tornariam senhores de seu país.

29. Gênesis 16. Abraão morava naquele tempo num lugar chamado Carvalho de Manre, muito próximo da cidade de Hebrom. Como vivia sempre aflito, por ver que sua mulher era estéril, não deixava de rogar a Deus que lhe desse um filho. E Deus não somente confirmou a promessa que lhe fizera, como lhe garantiu ainda todas as outras coisas que lhe havia prometido quando ele fora obrigado a deixar a Mesopotâmia.

30. Sara, então, deu a Abraão uma de suas escravas, de nome Agar, egípcia, a fim de que esta lhe desse um filho. Quando a escrava se sentiu grávida, desprezou a sua senhora e vangloriou-se de que os seus filhos seriam um dia os herdeiros de Abraão. Esse homem justo ficou horrorizado com aquela ingratidão e deixou Sara à vontade para castigar a escrava eômo bem entendesse. Agar, cheia de dor e de sofrimento, fugiu para o deserto e rogou a Deus que tivesse compaixão de sua miséria. Estava ainda nesse estado quando um anjo ordenou-lhe que voltasse à sua senhora, asseverando-lhe que esta a perdoaria, contanto que Agar reconhecesse a sua falta e aceitasse o castigo que devia receber como justa punição por sua ingratidão e por seu orgulho. Acrescentou que, se em vez de obedecer a Deus, ela se afastasse mais, pereceria miseravelmente. Todavia, se se submetesse de boa vontade, seria mãe de um filho que um dia haveria de reinar naquela província. Ela obedeceu, pediu perdão à sua senhora, e o obteve, e pouco tempo depois deu à luz um filho, que foi chamado Ismael, isto é, "atendido", para mostrar que Deus atendera às orações de sua mãe.

31. Gênesis 17. Abraão tinha oitenta e seis anos quando nasceu Ismael e noventa e nove anos quando Deus lhe apareceu e disse que Sara teria um filho, o qual se chamaria Isaque, cuja posteridade seria muito grande e da qual nasceriam dois reis, que submeteriam pelas armas toda a terra de Canaã, desde Sidom até o Egito. E, a fim de distinguir a sua raça de outras nações, mandou circuncidar todas as crianças do sexo masculino, oito dias após o nascimento, de que darei ainda outra razão. E, sobre o que Abraão pediu a Deus, se Ismael viveria, Ele respondeu-lhe que viveria muito tempo e que a sua posteridade também seria muito grande. Abraão deu graças a Deus por esses favores e logo fez-se circuncidar com toda a sua família, tendo já Ismael a idade de treze anos.

CAPÍTULO 11

UM ANJO PREDIZ QUE SARA TERÁ UM FILHO. DOIS ANJOS VÃO A SODOMA. DEUS EXTERMINA A CIDADE. SOMENTE LÓ SE SALVA COM AS SUAS DUAS FILHAS E SUA MULHER, QUE É TRANSFORMADA EM ESTÁTUA DE SAL. NASCIMENTO DE MOABE E DEAMOM. DEUS IMPEDE QUE O REI ABIMELEQUE EXECUTE O SEU MAU INTENTO COM RELAÇÃO A SARA. NASCIMENTO DE ISAQUE.

32. Gênesis 78 e 79. Os povos de Sodoma, cheios de orgulho por sua abundância e grandes riquezas, esqueceram-se dos benefícios que haviam recebido de Deus e não foram menos ímpios para com Ele do que ultrajosos para com os homens. Odiavam os estrangeiros, e chafurdaram-se em prazeres inomináveis. Deus, irritado pelos seus crimes, resolveu castigá-los: destruir a sua cidade de tal modo que não restasse o menor vestígio dela, tornando o país tão estéril que jamais pudesse produzir fruto ou planta alguma.

33. Um dia, quando Abraão estava sentado à porta de sua casa, junto ao carvalhode Manre, três anjos apresentaram-se a ele. Tomou-os por estrangeiros e, tendo-se levantado para saudá-los, ofereceu-lhes a sua casa. Os anjos aceitaram a sua hospitalidade. Abraão mandou matar um vitelo, que lhes foi servido assado com bolos de farinha. Puseram-se à mesa debaixo do carvalho, e pareceu a Abraão que eles comiam. Perguntaram-lhe depois onde estava a sua mulher. Ele respondeu-lhes que estava em casa e mandou logo chamá-la. Quando ela chegou, disseram-lhe que voltariam algum tempo depois e a encontrariam grávida. A essas palavras ela sorriu, porque, sendo idosa — tendo já noventa anos, e seu marido, cem —, julgava que fosse impossível. Então os anjos, não mais se ocultando, declararam que eram enviados de Deus, um para anunciar-lhes que teriam um filho e os outros dois para exterminar

Sodoma. Abraão, consternado pela ruína daquele povo infeliz, rogou a Deus que não fizesse morrer os inocentes com os culpados. Deus respondeu-lhe que não havia lá inocentes e que, se ao menos dez fossem encontrados como tais, Ele perdoaria a todos os outros. Depois dessa resposta, Abraão não ousou mais falar em favor deles.

34. Os anjos chegaram a Sodoma, e Ló, a exemplo de Abraão, também se mostrou muito atencioso para com os estrangeiros, rogando-lhes que ficassem em sua casa. Os habitantes dessa detestável cidade, vendo-os tão belos e tão apresentáveis, pediram a Ló, em cuja casa eles haviam entrado, que os entregasse, para que se servissem deles. Esse homem justo censurou-os, rogando-lhes que tivessem mais compostura, que não lhes fizessem injúria alguma, ultrajando os estrangeiros que estavam hospedados em sua casa, e que não violassem em suas pessoas os direitos da hospitalidade. Acrescentou que, se essas razões não os persuadissem, ele preferia entregar-lhes as próprias filhas. Mas nem isso os convenceu. Deus contemplava com olhares de cólera a ousadia daqueles celerados, e feriu-os com tal cegueira que não puderam achar a saída da casa de Ló. Resolveu então exterminar aquele povo abominável. Ordenou a Ló que se retirasse com toda a sua família e avisasse àqueles aos quais as suas duas filhas, que ainda eram virgens, haviam sido prometidas em casamento que também partissem. Mas eles zombaram do aviso, dizendo que era uma das habituais imaginações de Ló. Deus então lançou do céu os raios de sua cólera e de sua vingança contra essa cidade criminosa. Ela foi imediatamente reduzida a cinzas, com todos os seus habitantes. O mesmo fogo destruiu toda a região vizinha, como já disse na minha história da Guerra dos Judeus.

35. A mulher de Ló, que fugia com ele, contrariando a proibição divina, voltou-separa trás, a fim de ver a cidade e o terrível incêndio. Foi transformada numa estátua de sal e assim castigada pela sua curiosidade. Falei em outro lugar dessa estátua, que ainda hoje pode ser vista.

Assim, Ló retirou-se com as duas filhas a um recanto do país, o único poupado, que até hoje tem o nome de Zoar, isto é, "pequeno". Eles viveram algum tempo com muita dificuldade, tanto porque estavam sozinhos quanto por trazerem consigo de casa muito pouco alimento. As duas filhas, julgando que toda a raça dos homens havia perecido, acharam que lhes era permitido, para conservá-la, enganar o pai. Dessa maneira, a mais velha teve dele um filho, a que chamou Moabe, que significa "de meu pai", e a mais jovem deu à luz Ben-Ami, isto é, "filho de minha raça". Do primeiro vieram os moabitas, que ainda hoje são um povo poderoso. Os amonitas são descendentes do segundo, e alguns deles habitam a Síria de Ceiem. Eis de que maneira Ló se salvou do incêndio de Sodoma.

36. Gênesis 20. Quanto a Abraão, ele retirou-se a Gerar, na Palestina. O medo que tinha do rei Abimeleque levou-o a fingir uma segunda vez que Sara era sua irmã. E esse príncipe não deixou de se enamorar dela. Mas Deus lhe impediu o perverso desígnio enviando-lhe uma grave enfermidade, e quando estava abandonado pelos médicos avisou-o em sonhos de que não fizesse ultraje algum a Sara, porque era esposa daquele estrangeiro, e não sua irmã.

Abimeleque, encontrando-se um pouco melhor ao despertar, contou o sonho aos que estavam junto dele e por conselho destes mandou chamar a Abraão. Disse-lhe que nada temesse por sua mulher, pois Deus se havia tornado protetor dela, e que tomava Abraão como testemunha, tanto quanto ela, de que a devolvia pura às suas mãos. Disselhe também que, se tivesse sabido que era sua esposa, não lha teria tirado, mas julgara ser ela somente sua irmã, e que não lhe faria injustiça alguma. Suplicou-lhe então que não guardasse ressentimento contra ele, mas, ao contrário, rogasse a Deus que lhe fosse favorável. E, ademais, se desejasse habitar nos seus estados, receberia toda sorte de atenções, ou, se pensasse em retirar-se, fá-lo-ia acompanhar e dar-lhe-ia todas as coisas que viera buscar em seu país.

Abraão respondeu-lhe que nada dissera contra a verdade ao chamá-la de irmã, pois ela era filha de um irmão seu, e que havia assim procedido apenas por medo do perigo ao qual se julgava exposto. Estava muito aborrecido por ter sido a causa da enfermidade do rei e de todo o coração desejava-lhe a saúde. E ficaria com muito prazer em suas terras. Abimeleque, ante essa resposta, deu-lhe dinheiro e terras e fez aliança com ele, confirmando-a com juramento junto aos poços ainda hoje denominados Berseba, isto é, "poço do juramento".

37. Gênesis 21. Algum tempo depois, Abraão teve de sua mulher, Sara, segundo a promessa que Deus lhe havia feito, um filho ao qual chamou Isaque, isto é, "riso", porque Sara havia sorrido quando, sendo já bastante idosa, o anjo lhe anunciou que teria um filho. Ele foi circuncidado ao oitavo dia, segundo o costume que ainda hoje se observa entre os judeus. E, enquanto eles fazem a circuncisão ao oitavo dia do nascimento da criança, os árabes a realizam à idade de treze anos, porque Ismael, do qual são originários e de quem irei falar em seguida, foi circuncidado com essa idade.

CAPÍTULO 12

SARA OBRIGA ABRAÃO A AFASTAR AGAR E ISMAEL DE SEU PRÓPRIO FILHO. UM ANJO CONSOLA AGAR. POSTERIDADE DE ISMAEL.

38. Gênesis 22. Sara, de início, amou Ismael como se fosse seu próprio filho, porque o considerava sucessor de Abraão. Quando se viu mãe de Isaque,

todavia, julgou que não era mais conveniente criá-los juntos, porque Ismael, sendo muito mais velho, poderia muito facilmente, após a morte de Abraão, tornar-se senhor. Assim, ela persuadiu Abraão a afastá-lo, juntamente com sua mãe. Ele, em princípio, teve dificuldades em fazê-lo, porque lhe parecia desumano expulsar de casa uma criança e uma mulher aos quais tudo faltava. No entanto Deus lhe deu a conhecer que ele devia dar essa satisfação a Sara. Como Ismael não era ainda capaz de se governar sozinho, ele o entregou à mãe, a quem disse que se fosse embora, dando-lhe apenas alguns pães e um odre cheio de água.

Depois de se haver esgotado o pão e o pouco de água, Ismael sentiu tal sede que estava a ponto de morrer, e Agar, não podendo suportar a pena de vê-lo morrer diante de seus próprios olhos, colocou-o ao pé de um pinheiro e afastou-se. Um anjo apareceu e mostrou-lhe uma fonte que estava próxima, recomendando-lhe que tivesse muito cuidado com o filho e asseverando-lhe que, se cumprisse bem esse dever, ela seria feliz. Uma consolação tão inesperada fê-la retomar a coragem: continuou a andar e encontrou alguns pastores, que a ajudaram em tão grave necessidade.

Quando Ismael chegou à idade de se casar, Agar deu-lhe por esposa uma mulher

egípcia, porque ela também havia nascido no Egito. Ele teve doze filhos: Nebaiote, Quedar, Abdeel, Mibsão, Misma, Duma, Massa, Hadade, Tema, Jetur, Nafis e Quedemá. Eles ocuparam toda a região que está entre o Eufrates e o mar Vermelho e a chamaram Nabatéia. Os árabes originaram-se deles, e os seus descendentes conservaram o nome de nabateenses por causa do seu valor e da fama de Abraão.

CAPÍTULO 13

ABRAÃO, PARA OBEDECER À ORDEM DE DEUS, OFERECE-LHE O FILHO ISAQUE EM SACRIFÍCIO. DEUS, PARA RECOMPENSAR-LHE A FIDELIDADE, CONFIRMA-LHE TODAS AS PROMESSAS.

39. Gênesis 22. Nada se poderia acrescentar à ternura que Abraão tinha para com Isaque, tanto porque era o único filho quanto porque lhe fora concedido por Deus em sua velhice. E Isaque, por sua vez, praticava com tanto entusiasmo toda espécie de virtudes, servia a Deus com tanta fidelidade e prestava a seu pai tantos serviços que dava a Abraão todos os dias novos motivos para amá-lo. Assim, Abraão só pensava em morrer, e seu único desejo era deixar aquele filho como seu sucessor. Deus concedeu o que

Abraão desejava, mas antes quis experimentar a sua fidelidade. Apareceu-lhe e, depois de haver-lhe lembrado as graças particulares com que sempre o favorecera, as vitórias que o haviam feito conquistar os inimigos e a prosperidade com que o brindara, ordenou-lhe que lhe sacrificasse o filho Isaque sobre o monte Moriá e assim testemunhasse, por aquele ato de obediência, que ele preferia a vontade divina ao que ele tinha de mais caro no mundo.

Estando Abraão persuadido de que nenhuma consideração poderia dispensá-lo de obedecer a Deus, a quem todas as criaturas são devedoras da própria existência, nada disse à sua esposa nem a qualquer outro de seus familiares sobre a ordem que havia recebido de Deus ou acerca da resolução de executá-la, com medo que eles se esforçassem para dissuadi-lo de seu propósito. Disse somente a Isaque que o seguisse, acompanhado por dois criados, e mandou colocar sobre um jumento todas as coisas de que necessitava para o sacrifício. Após haver caminhado durante dois dias, avistaram o monte que Deus lhe havia indicado. Deixou então os dois criados no sopé do monte e subiu-o somente com Isaque (no cimo desse monte o rei Davi, mais tarde, fez construir um Templo). Levou para lá tudo o que precisavam, exceto a vítima, para o sacrifício. Isaque tinha então vinte e cinco anos. Ele preparou o altar, mas, não vendo vítima alguma, perguntou ao pai quem ele queria sacrificar. Abraão respondeu-lhe que Deus, que pode dar aos homens todas as coisas que lhes faltam e tirar-lhes as que já possuem, dar-lhes-ia uma vítima, se se dignasse aceitar o sacrifício deles.

Depois de haver colocado a lenha sobre o altar, Abraão falou a Isaque: "Meu filho, eu vos pedi a Deus com muita insistência e muitas orações. Não houve cuidado que eu não tivesse tido de vós, desde que viestes ao mundo, e eu consideraria como realizados todos os meus votos se vos visse chegar a uma idade muito avançada e deixar-vos, ao morrer, como herdeiro de tudo o que possuo. Mas, como Deus, depois de vos ter dado a mim, quer agora que eu vos perca, consenti generosamente em oferecer-vos a Ele em sacrifício. Prestemos-lhe, meu filho, esse ato de obediência e essa honra como testemunho de nossa gratidão pelos favores que Ele nos fez na paz e pela assistência que nos deu na guerra.

Como nascestes para morrer, que fim vos pode ser mais glorioso do que ser oferecido em sacrifício por vosso próprio pai ao soberano Senhor do universo, que, em vez de terminar a vossa vida por uma doença, numa cama, ou por uma ferida na guerra, ou por algum outro acidente, aos quais os homens estão sujeitos, vos julga digno de entregar-lhe a alma no meio de orações e sacrifícios, de modo a ficar para sempre unida a Ele? Consolareis assim a minha

velhice, dando-me a assistência de Deus em lugar da que eu devia receber de vós, depois de vos ter educado com tanta diligência".

Isaque, filho digno de tão admirável pai, escutou essas palavras não somente sem se admirar, mas até com alegria, e respondeu-lhe que ele teria sido indigno de nascer se se recusasse a obedecer à vontade de seu pai, principalmente quando ela estava de acordo com a de Deus. Assim dizendo, colocou-se ele mesmo sobre o altar, para ser imolado. Esse grande sacrifício ter-se-ia realizado se Deus mesmo não o tivesse impedido. Ele chamou Abraão pelo nome e proibiu-o de matar o filho, dizendo-lhe que havia ordenado o sacrifício não para tirá-lo depois de o haver concedido ou porque sentia prazer em ver derramar sangue humano, mas somente para lhe experimentar a obediência. Agora, vendo com quanto zelo e fidelidade fora obedecido, aceitava o sacrifício e garantia-lhe, como recompensa, que jamais deixaria de assistir a ele e a toda a sua descendência. Quanto ao filho que lhe fora oferecido e que iria restituir, viveria feliz e por muito tempo, e a sua posteridade seria ilustre por uma longa série de homens valentes e virtuosos, que submeteriam pelas armas todo o país de Canaã. A fama deles tomar-se-ia imortal. As suas riquezas seriam tão grandes e a sua felicidade tão extraordinária que eles seriam invejados por todas as outras nações. Concluído esse oráculo, Deus fez aparecer um carneiro, para ser oferecido em sacrifício. Aquele pai fiel e seu filho sensato e feliz abraçaram-se, no auge da alegria, pela grandeza das promessas, terminaram o sacrifício e voltaram para encontrar Sara. Deus, fazendo prosperar todos os seus desígnios, cumulou de felicidade todo o restante da vida de Abraão.

CAPÍTULO 14

MORTE DE SARA, MULHER DE ABRAÃO.

40. Gênesis 23. Algum tempo depois, Sara morreu, com a idade de cento e vinte e sete anos, e foi enterrada em Hebrom, onde os cananeus se ofereceram para lhe dar sepultura. Abraão, porém, preferiu adquirir para esse fim um campo que comprou, por quatrocentos sidos — de um habitante de Hebrom, chamado Efrom —, onde ele e seus descendentes construíram um túmulo.

CAPÍTULO 15

ABRAÃO DESPOSA QUETURA, DEPOIS DA MORTE DE SARA. FILHOS QUE TEVE DELA E SUA POSTERIDADE. FAZ SEU FILHO ISAQUE CASAR-SE COM REBECA, FILHA DE BETUEL E IRMÃ DE LABÃO.

41. Gênesis 25. Abraão, depois da morte de Sara, desposou Quetura e teve dela seis filhos, todos infatigáveis no trabalho e muito ativos. Chamavam-se Zinrã, Jocsã, Meda, Midiã, Isbaque e Suá.

Jocsã teve dois filhos, Seba e Dedã, o qual teve Assurim, Letusim e Leumim. Midiã teve cinco filhos: Efé, Efer, Enoque, Abida e Elda. Abraão aconselhou a todos que se fossem estabelecer em outros países. Eles ocuparam a Troglodita e toda aquela parte da Arábia Félix que se estende até o mar Vermelho. Diz-se também que Efer, de que acabamos de falar, apoderou-se da Líbia por meio das armas e que os seus descendentes lá se estabeleceram e a chamaram com o nome dele: África, o que Alexandre Poliistor confirma com estas palavras: "O profeta Cleodemas, cognominado Malque, que a exemplo do legislador Moisés escreveu a história dos judeus, diz que Abraão teve de Quetura, dentre outros filhos, a Afram, Sur e lafram: Sur deu o seu nome à Síria, Afram à cidade Afra e lafram à África, e que eles combateram na Líbia contra Anteu, sob o comando de Hércules". Ele acrescenta que Hércules desposou a filha de Afram e que dela teve um filho de nome Deodoro, o qual foi o pai de Sofo, que deu nome aos sofácios.

42. Gênesis 24. Isaque tinha mais ou menos quarenta anos quando Abraão pensou em casá-lo, lançando vistas sobre Rebeca, filha de Betuel, que era filho de Naor, seu irmão. Em seguida, ele escolheu para ir pedi-la em casamento o mais amigo dentre os seus servidores, ao qual obrigou por juramento, fazendo-o pôr a mão sob a sua coxa, executar tudo o que ele lhe ia ordenar. Deu-lhe presentes raros, que seriam admirados num país onde ainda nada fora visto de semelhante. Esse fiel servidor demorou-se muito tempo antes de chegar à cidade de Harã, porque lhe foi necessário atravessar a Mesopotâmia, onde havia grande quantidade de ladrões, onde os caminhos são muito difíceis no inverno e onde se sofre muito no verão, pela dificuldade em se encontrar água.

Quando chegou aos arredores da cidade, avistou várias moças, que iam ao poço buscar água. Rogou então a Deus que, se fosse a sua vontade que Rebeca desposasse o filho de seu senhor, fizesse com que ela se encontrasse entre as moças e que, recusando-se as outras a lhe darem de beber, ele pudesse conhecê-la pelo ato de gentileza com que o atenderia. Aproximou-se em seguida dos poços e rogou às moças que lhe dessem água. Todas responderam que era muito difícil tirá-la e que dela também precisavam, não podendo assim atendê-lo. Rebeca, ouvindo-as falar assim, disse-lhes que elas eram bem indelicadas por recusar aquele favor a um estrangeiro e ao mesmo tempo ofereceu-lhe água com grande bondade.

Tão favorável início deu ao prudente servidor esperanças de que a sua viagem lograsse bom êxito. Ele agradeceu-lhe e, para ter ainda maior certeza de suas conjecturas, rogou-lhe que dissesse quem eram os que tinham a ventura de tê-la por filha. A isso acrescentou que desejava que Deus lhe fizesse a graça de encontrar um marido digno dela, ao qual desse filhos que lhe herdassem a virtude. A sensata donzela respondeu-lhe, com a mesma gentileza, que se chamava Rebeca, que seu pai era Betuel e que depois da morte deste Labão, seu irmão, passara a cuidar dela, de sua mãe e de toda a sua família.

Então o servo, vendo com grande alegria não haver mais dúvida de que Deus o assistia no desempenho de sua missão, ofereceu a Rebeca uma cadeia e outros ornamentos próprios para donzelas e rogou-lhe que os recebesse como um sinal de gratidão pelo favor que ela, dentre todas as moças, tivera a bondade de lhe prestar. Suplicou-lhe em seguida que o levasse à casa de seus parentes, porque a noite já se aproximava e, trazendo ele objetos de muito valor, julgava não haver melhor lugar onde guardá-los do que na casa dela. Disse ainda que, julgando da virtude de seus familiares pela que via nela, não duvidava de que o receberiam, pois não pretendia ser-lhes de peso: pagaria todas as despesas.

Ela respondeu-lhe que ele não errava fazendo boa idéia de seus parentes, mas não lhes fazia muita honra ao pensar que eles seriam capazes de receber alguma coisa por lhe darem hospedagem, pois cumpriam de muito boa mente o dever da hospitalidade. Iria em seguida falar com o irmão e o traria imediatamente, para se entenderem. Ela foi para casa e fez o que havia prometido. Labão ordenou aos servos que cuidassem dos camelos e convidou o hóspede para jantar.

Quando terminaram a refeição, o servo de Abraão disse-lhe: "Abraão, filho de Terá, é vosso parente". Depois, dirigindo-se à mãe de Rebeca, acrescentou: "Naor, avô dos filhos de quem sois a mãe, era irmão de Abraão. Abraão é meu senhor. Ele mandou-me até vós para pedir em casamento esta moça para o seu único filho, herdeiro de todos os seus bens. Ele poderia ter escolhido uma das donzelas mais ricas de seu país, mas julgou melhor prestar essa homenagem aos de sua descendência, em vez de se aliar aos de uma nação estrangeira. Secundai, por favor, o seu desejo, e com tanto maior alegria, pois isso é, sem dúvida, conforme a vontade de Deus, que, além da assistência que me prestou na viagem, me fez encontrar com rara felicidade esta virtuosa donzela e a vossa casa. Tendo, ao chegar, encontrado diversas moças que iam tirar água do poço, desejava eu uma que fosse do seu número e que a pudesse conhecer, e assim aconteceu. Portanto, tendo Deus vos feito ver que esse casamento lhe agrada, poderíeis recusar o vosso consentimento e não conceder a Abraão o pedido que vos faz por meu intermédio?"

Uma proposta tão vantajosa e da qual Labão e sua mãe não podiam duvidar que de era agradável a Deus foi recebida por eles com uma satisfação inimaginável. Então enviaram Rebeca, e Isaque a desposou, estando já de posse de todos os bens de seu pai, pois os filhos que Abraão tivera de Quetura haviam ido se estabelecer em outras províncias.

CAPÍTULO 16

MORTE DE ABRAÃO.

43. Gênesis 25. Abraão morreu pouco depois do casamento de Isaque. Foi tão eminente em toda espécie de virtudes que mereceu ser muito particularmente querido e favorecido por Deus. Viveu cento e setenta e cinco anos. Isaque e Ismael, seus filhos, sepultaram-no em Hebrom, junto de Sara, sua mulher.

CAPÍTULO 17

REBECA TEM DOIS FILHOS: ESAÚ EJACÓ. UMA GRANDE CARESTIA OBRIGA ISAQUE A SAIR DO PAÍS DE CANAÃ, E ELE PERMANECE ALGUM TEMPO NAS TERRAS DO REI ABIMELEQUE. CASAMENTO DE ESAÚ. ISAQUE, ENGANADO POR JACÓ, OUTORGA-LHE A BÊNÇÃO, JULGANDO DÁ-LA A ESAÚ. PARA EVITAR A CÓLERA DE SEU IRMÃO, JACÓ RETIRA-SE PARA A MESOPOTÂMIA.

44. Gênesis 25. Rebeca estava grávida à morte de Abraão, e de maneira tão esquisita que Isaque, temendo por ela, consultou a Deus para saber qual seria o fim daquela estranha gravidez. Deus respondeu-lhe que ela teria dois filhos, dos quais sairiam dois povos, que teriam deles os nomes e a origem. O mais novo, porém, seria o mais poderoso. Viu-se pouco tempo depois o efeito dessa predição. Rebeca teve gêmeos, sendo o mais velho todo coberto de pêlos, e o mais novo segurava-lhe o calcanhar quando vieram à luz. O mais velho chamou-se Esaú, por causa dos pêlos que apresentava ao nascer, e Isaque tinha por ele afeto particular. O mais novo foi chamado Jacó, e Rebeca amava-o muito mais que ao primogênito.

45. Gênesis 26. O país de Canaã foi nesse mesmo tempo flagelado por uma carestia extraordinária. No Egito, entretanto, reinava a abundância. Isaque resolveu ir para lá, mas Deus lhe ordenou que parasse em Gerar. Como havia grande amizade entre o rei Abimeleque e Abraão, o monarca mostrou-lhe de

início muito boa vontade. Mas quando viu que Deus o favorecia em todas as coisas, começou a sentir inveja e obrigou-o a se retirar. Isaque foi então para um lugar de nome Fará, isto é, um vale muito próximo de Gerar, e aí quis cavar um poço, mas os pastores de Abimeleque vieram armados para impedi-lo. Como ele não era de índole inclinada a brigas, deixou-lhes o lugar e permitiu que se gabassem de tê-lo obrigado, pela força, a se retirar, embora ele o tivesse feito voluntariamente. Começou em seguida a cavar outro poço, e outros pastores também impediram que ele o terminasse. Vendo-se obstaculizado dessa maneira, resolveu, com muita prudência, esperar um tempo mais favorável, e este chegou bem depressa. Com permissão de Abimeleque, cavou um poço ao qual chamou Reobote, isto é, "grande e espaçoso". Quanto aos dois outros que havia começado, um chamou-se Esequê, isto é, "disputado", e o outro, Sitna, isto é, "inimizade".

46. No entanto, como Deus prodigalizasse todos os dias novas bênçãos a Isaque, a sua prosperidade e riqueza fez Abimeleque temer que os motivos que o filho de Abraão tinha para se queixar dele fizessem mais impressão sobre o seu espírito do que a lembrança da amizade que lhe mostrara no início e o levassem a se vingar. E, não o querendo como inimigo, foi ter com ele, acompanhado somente por um dos nobres de sua corte, para renovar a aliança. Não teve dificuldade em conseguir o seu intento porque a bondade de Isaque e a lembrança da antiga amizade desse príncipe por ele e para com Abraão fizeram-no esquecer facilmente todos os maus-tratos que havia recebido.

Esaú, na idade de quarenta anos, desposou Ada, filha de Elom, e Oolibama, filha de Zibeão, ambos príncipes dos cananeus.* Não pediu permissão ao seu pai, que jamais a teria concedido, porque não aprovava que ele se aliasse a estrangeiros. No entanto, como não queria aborrecer o seu filho, ordenando-lhe que devolvesse as duas mulheres, Isaque suportou-o, sem nada dizer.

* E judite (Gn 26.34). (N do E)

47. Gênesis 27. Homem justo e acabrunhado pela velhice, Isaque havia também perdido a visão: Um dia, "mandou chamar Esaú e disse-lhe que, não podendo mais ver a claridade do dia nem servir a Deus com todo esmero, como sempre o fizera, queria, antes de morrer, dar-lhe a sua bênção. Disse-lhe que fosse à caça, trouxesse o que apanhasse para ele, Isaque, comer e em seguida rogaria a Deus que fosse sempre o seu protetor, pois não via melhor maneira de empregar o pouco de tempo que lhe restava de vida.

Esaú partiu logo para executar a ordem. No entanto Rebeca, que desejava a bênção de Deus sobre o irmão dele, e não sobre ele, embora não fosse essa a

intenção de seu pai, disse a Jacó que matasse um cabrito e o preparasse. Ele obedeceu, e, quando a refeição ficou pronta, cobriu os braços e as pernas com a pele do cabrito, a fim de que Isaque, ao tocá-lo, o tomasse por Esaú. Como eram gêmeos, assemelhavam-se em tudo o mais. Apresentou-lhe em seguida o prato que havia preparado, mas não o fez sem o temor de que ele descobrisse o engano e lhe aplicasse uma maldição em lugar da bênção.

Isaque falou com ele e notou nas suas respostas certa diferença na voz. Jacó então aproximou o braço, e Isaque, depois de havê-lo tocado, disse-lhe: "Vossa voz, meu filho, parece-me a de Jacó, mas este pêlo que sinto em vosso braço me faz crer que sois Esaú". E assim, não tendo mais dúvida alguma, comeu e fez depois a sua oração, deste modo: "Deus eterno, do qual todas as criaturas recebem o ser, cumulastes o meu pai de benefícios. Devo-vos tudo o que tenho, e prometestes tornar a minha posteridade mais feliz ainda. Confirmai, Senhor, com os fatos, a verdade de vossas palavras e não desprezeis a fraqueza em que me encontro, pois ela me faz ter ainda mais necessidade da vossa assistência. Sede, por favor, o protetor deste filho que vos ofereço. Preservai-o de todos os perigos, fazei-o passar uma vida tranqüila, derramai sobre ele, a manchieas, os bens de que sois possuidor. Tornai-o temível aos seus inimigos e fazei com que os seus amigos o amem e honrem!"

Apenas Isaque havia terminado essa oração, aparece-lhe Esaú, em favor do qual julgava tê-la feito, voltando da caça. Reconheceu então o seu erro e confessou-o, sem se perturbar. Esaú rogou-lhe que fizesse por ele ao menos a mesma oração que havia feito por seu irmão. Isaque respondeu-lhe que não o podia, porque fizera em favor de Jacó tudo o que dependia dele. Esaú, abatido pela dor de ver-se enganado, não pôde reter as lágrimas. O pai ficou tão comovido que lhe deu outra bênção, dizendo que ele e seus descendentes seriam peritos na caça, na ciência da guerra e em todas as ações em que se exige força e coragem, mas seriam, entretanto, inferiores a Jacó e sua posteridade.

48. Rebeca, para salvar Jacó do perigo que o ressentimento do irmão a fazia temer, persuadiu Isaque a mandá-lo à Mesopotâmia, para casar-se com uma mulher de sua raça. Esaú, que havia percebido o descontentamento de seu pai por causa da aliança com os cananeus, desposou Basemate, filha de Ismael, e amou-a mais do que a qualquer outra de suas esposas.

CAPÍTULO 18

VISÃO QUE JACÓ TEVE NA TERRA DE CANAÃ, ONDE DEUS PROMETE TODA

SORTE DE FELICIDADE A ELE E À SUA DESCENDÊNCIA. NA MESOPOTÂMIA, DESPOSA LEIA E RAQUEL, FILHAS DE LABÃO. RETIRA-SE SECRETAMENTE PARA VOLTAR AO SEU PAÍS. LABÃO PERSEGUE-O, MAS DEUS O PROTEGE. LUTA COM UM ANJO E RECONCILIA-SE COM O SEU IRMÃO ESAÚ. O FILHO DO REI DE SIQUÉM VIOLENTA DINÁ, FILHA DEJACÓ. SIMEÃO E LEVI, SEUS IRMÃOS, PASSAM AFIO DE ESPADA TODOS OS HABITANTES DA CIDADE DE SIQUÉM. RAQUEL DÁ À LUZ BENJAMIM E MORRE DE PARTO. FILHOS DE JACÓ.

49. Gênesis 28. Tendo sido Jacó, com o consentimento do pai, enviado por sua mãe à Mesopotâmia, para desposar uma filha de Labão, seu tio, atravessou o país dos cananeus. Mas, por ser uma nação inimiga, não entrou em nenhuma de suas casas. Dormia no campo, utilizando-se das pedras como travesseiro. E, dormindo, teve uma visão. Parecia-lhe ver uma escada que ia da Terra até o céu com pessoas — que pareciam ser mais que humanas — descendo por ela. Deus, que estava no alto, apareceu-lhe claramente, chamou-o pelo nome e disse-lhe: "Jacó, tendo como tendes por pai um homem de bem e tendo o vosso avô se tornado tão célebre pela virtude, por que vos deixais abater pela dor? Concebei melhores esperanças. Grandes bens vos esperam, e eu jamais vos abandonarei. Quando Abraão foi expulso da Mesopotâmia, eu o fiz vir aqui. Tornei feliz o vosso pai, e vós não o sereis menos que ele. Coragem! Continuai o vosso caminho, nada temais sob o meu governo. O vosso casamento será como desejais: tereis muitos filhos, e vossos filhos terão ainda mais. Sujeitar-lhes-ei este país, e à sua posteridade, que se multiplicará de tal modo que todas as terras e os mares que o Sol ilumina serão povoadas por eles. Nenhuma tribulação e nenhum perigo serão capazes de vos assustar. Desde já tomo cuidado de vós, e tomarei ainda mais para o futuro".

50. Uma tão favorável visão encheu Jacó de consolo e de alegria. Lavou as pedras que lhe serviam de travesseiro, pois grande felicidade ali lhe se havia predito, e fez voto: se retornasse feliz, ofereceria naquele mesmo lugar um sacrifício a Deus e a décima parte de todos os seus bens, o que cumpriu depois com fidelidade. Quis também, para tornar célebre o lugar, dar-lhe o nome de Betei, isto é, "permanência de Deus".

Gênesis 29. Continuou depois a marcha para a Mesopotâmia e por fim chegou a Harã. Nos arredores, encontrou alguns pastores, moços e moças, que estavam sentados à borda de um poço. Rogou-lhes que lhe dessem de beber e, tendo entabulado conversação com eles, perguntou-lhes se conheciam um homem de nome Labão e se ele ainda vivia. Responderam-lhe que o conheciam: era um homem muito estimado para não

ser conhecido; que ele tinha uma filha que habitualmente ia ao campo com eles (admiravam-se de ela não estar ali com o grupo); e que ele poderia saber dela tudo o que desejava.

Conversavam assim quando Raquel chegou, acompanhada de seus pastores. Apontaram-lhe Jacó, dizendo que aquele estrangeiro perguntara pela saúde de seu pai. Como ela era muito jovem e muito simples, mostrou-se satisfeita em ver Jacó e perguntou-lhe quem era e que motivo o trazia ao seu país, acrescentando o desejo de que seu pai e sua mãe lhe pudessem dar tudo o que ele queria deles. Tão grande bondade comoveu-o. Estando ela perto de Jacó, este ficou bastante surpreendido com a sua beleza, que era extraordinária. "Pois que vós sois filha de Labão", disse-lhe ele, "posso dizer que a nossa aproximação precedeu o nosso nascimento. Terá teve a Abraão por filho, Naor e Arã também. Mas nós somos ainda mais próximos: pois Rebeca, minha mãe, é irmã de Labão, vosso pai. Assim, somos primos irmãos, e eu vos venho visitar para dar-vos o que vos devo e renovar tão estreita aliança".

Raquel, que ouvira o pai falar tantas vezes de Rebeca e do desejo que tinha de receber notícias dela, ficou tão contente que, levada pela alegria, abraçou Jacó e, chorando, disse-lhe que seu pai e toda a sua família guardavam contínua recordação de Rebeca e dela falavam a todo instante. E, como ele não lhes poderia dar maior prazer que as informações sobre uma pessoa que lhes era tão cara, rogou-lhe que a seguisse, para não retardar nem mais um momento tão grande satisfação. Levou-o depois a Labão, cuja alegria, ao ver o sobrinho quando menos o esperava, não foi menor, e Jacó sentiu-se em segurança junto dele.

Alguns dias depois, Labão perguntou-lhe como tinha podido deixar seu pai e sua mãe numa idade em que eles necessitavam tanto de sua assistência e ao mesmo tempo ofereceu-lhe tudo o que dele podia depender. Jacó, para satisfazer o desejo do tio, contou-lhe o que se havia passado em família. Disse-lhe que tinha um irmão gêmeo e que Rebeca, sua mãe, querendo-o mais que a seu irmão Esaú, havia conseguido, por um ato de astúcia, que seu pai lhe desse, com todas as vantagens que a acompanhavam, a bênção que era do irmão. Contou-lhe que Esaú, para vingarse, procurava por todos os meios matá-lo e que sua mãe lhe havia ordenado então que viesse buscar asilo junto de Labão, pois não tinha nenhum outro parente mais próximo ao seu lado. E assim, no estado a que se encontrava reduzido, tinha confiança apenas em Deus e no tio.

Labão, comovido com essas palavras, prometeu a Jacó toda a assistência, fosse em consideração ao parentesco, fosse para testemunhar a amizade que conservava por sua irmã, embora ausente há tanto tempo e tão longe dele. Prometeu também dar-lhe inteira autoridade sobre todos os que cuidavam de seus rebanhos, e, quando Jacó voltasse ao seu país, saberia, pelos presentes

que lhe daria, qual era a sua gratidão e amizade. E Jacó, como nutrisse já grande afeto por Raquel, respondeu-lhe que a nenhum trabalho consideraria pesado, em se tratando de servi-lo, e que tinha tanta estima pela virtude de Raquel e tanta gratidão pela bondade com a qual ela o havia levado até ali que não pedia outra recompensa pelos seus serviços senão recebê-la em casamento.

Labão recebeu a proposta com satisfação, respondendo que não poderia ter genro mais agradável. Disse-lhe então ser necessário que Jacó ficasse algum tempo com eles, porque não podia resolver-se ainda a mandar a filha para Canaã, pois já havia sentido muito ter deixado a irmã partir para um país tão distante. Jacó aceitou a condição, prometeu servi-lo por sete anos e acrescentou que teria prazer em encontrar ocasião de lhe mostrar, por sua solicitude e seus serviços, que não era indigno de sua aliança.

51. Quando se passaram os sete anos, Labão viu-se na contingência de cumprir a promessa e, no dia das núpcias, deu um grande banquete. Mas, em vez de colocar Raquel no leito, mandou secretamente que lá pusessem Leia, irmã mais velha, que nada tinha em si mesma que pudesse despertar o amor. As trevas e o vinho levaram Jacó a perceber o engano somente no dia seguinte.* Ele queixou-se a Labão, que se desculpou de assim ter agido, dizendo ter sido obrigado pelo costume do país, que proibia casar a filha mais nova antes da mais velha, mas que isso não o impediria de esposar Raquel: estava disposto a entregá-la a Jacó, com a condição de que este o servisse por mais sete anos. Jacó percebeu que o engano era um mal sem remédio, mas o seu amor por Raquel o fez aceitar a proposta, embora injusta. Assim, ele a desposou e serviu Labão durante outros sete anos.

* As Escrituras afirmam que Jacó desposou Raquel ao fim de sete dias, com a condição de que ele serviria Labão por mais sete anos.

52. As duas irmãs mantinham junto delas duas moças, Zilpa e Bila, que Labão lhes dera não como criadas, mas apenas para fazer companhia às filhas, embora a estas devessem prestar obediência. Leia vivia triste, porque Jacó só tinha amor por Raquel, mas julgou que ele também poderia amá-la, se Deus lhe desse filhos. Por isso rogava a Ele constantemente que lhe fizesse aquela graça e por fim a obteve. Deu à luz uma criança, à qual chamou Rúben, para mostrar que o obtivera unicamente dEle. Teve em seguida outros três: um de nome Simeão, significando que Deus lhe havia sido favorável; outro a que chamou Levi, isto é, "sustentáculo da sociedade"; e outro ainda, Judá, isto é, "ação de graças".

Gênesis 30. A fecundidade de Leia, com efeito, levou Jacó a amá-la mais. E Raquel, temendo que o afeto do marido pela irmã diminuísse a parte que lhe tocava, resolveu dar Bila a Jacó, que dela teve dois filhos: o mais velho, de nome Dã, isto é, "julgamento de Deus", e o mais novo, Naftali, isto é, "engenhoso", porque Raquel havia combatido por meio da astúcia a fecundidade da irmã. Leia usou também do mesmo artifício e pôs Zilpa em seu lugar, com a qual Jacó teve dois filhos: um de nome Gade, isto é, "vindo por acaso", e outro, Aser, isto é, "felicidade", porque Leia daí tirava vantagem.

Dessa maneira, viviam juntas as duas irmãs. Rúben, filho mais velho de Leia, trouxe um dia para sua mãe algumas mandrágoras. Raquel teve também desejo de comêlas e rogou à irmã que as repartisse com ela. Leia recusou atender o pedido, dizendo que Raquel devia contentar-se com a vantagem do afeto de Jacó. Raquel, para acalmá-la, ofereceu-lhe Jacó por aquela noite. Ela aceitou a proposta e ficou grávida de Issacar, isto é, "nascido como recompensa". Em seguida, teve Zebulom, isto é, "recompensa da amizade", e uma filha: Diná. Por fim, Raquel teve também a alegria de ser mãe — de José, que quer dizer "aumento".

53. Gênesis 31. Vinte anos passaram-se dessa maneira, e Jacó, durante todo esse tempo, teve sempre a guarda geral dos rebanhos de Labão. Após tantos anos de serviço, pediu para voltar ao seu país, com as duas esposas. Labão recusou-se a dar o consentimento, e Jacó então resolveu retirar-se secretamente. Leia e Raquel estavam de acordo com ele. E assim, partiu com elas, levando também Zilpa e Bila, todos os seus filhos, os seus bens e metade dos rebanhos de Labão. Raquel tomou os ídolos de seu pai, não para adorá-los, porque Jacó não estava dominado por esse erro, mas para aplacar a cólera de Labão, restituindo-os, caso ele os perseguisse.

Labão soube da retirada de Jacó apenas no dia seguinte e pôs-se a segui-lo com muita gente, alcançando-o no sétimo dia, pela tarde, numa colina onde os fugitivos descansavam. Quis deixar passar a noite sem os atacar. Mas, quando dormia, Deus apareceu-lhe em sonhos e proibiu-lhe de pela cólera empreender algo contra Jacó e suas filhas, ordenando-lhe que se reconciliasse com o genro e que não confiasse na desigualdade das forças, pois se ousasse atacá-los, combateria por Jacó, para protegê-lo.

O dia não havia raiado quando Labão, em obediência à ordem divina, mandou contar a Jacó o sonho que tivera, pedindo que viesse ter com ele. E Jacó foi, sem nada temer. Labão começou por fazer-lhe graves censuras: "Não podéis", disse ele, "ter esquecido em que estado estáveis quando viestes à minha casa, como eu vos recebi, com que liberalidade vos tornei participante de meus bens e com quanta bondade vos dei as minhas filhas em casamento? Quem não teria pensado que tantos favores vos teriam unido para sempre a

mim, com um afeto inviolável? Mas nem a estreita parentela, que nos une, nem a consideração de que a vossa mãe é minha irmã, que as vossas esposas me devem a vida e que os vossos filhos são meus impediram que me tratásseis como se eu fosse vosso inimigo. Levais os meus bens, obrigastes as minhas filhas a me deixar para fugir convosco e sois a causa de elas me roubarem o que os meus antepassados e eu sempre tivemos em grande veneração, porque são coisas sagradas. Qual! Será então necessário que eu receba do filho de minha irmã, de meu genro, de meu hóspede e de um homem que me é devedor de tantos benefícios todos os ultrajes que um inimigo irreconciliável me teria podido fazer?"

54. Jacó, para justificar-se, respondeu que não era o único a quem Deus havia imprimido no coração o amor pelo país natal e o desejo de voltar após longa ausência. Quanto à acusação de tê-lo roubado, qualquer homem justo Julgaria que tal censura se ajustava ao próprio Labão, porque, em vez de lhe agradecer por ter não somente conservado, mas aumentado tanto os seus bens, vinha queixar-se de que lhe havia sido levada uma pequena parte. E, quanto ao que se referia às filhas, era estranho achar maldade no fato de as esposas seguirem o marido, bem como esperar que as mães abandonassem os filhos.

Após ter-se defendido dessa maneira, Jacó, para usar das mesmas razões que Labão apresentara contra ele, acrescentou que, sendo seu tio e sogro, não deveria tê-lo tratado tão rudemente, como o fizera por vinte anos, sem falar no que sofrerá para obter Raquel, suportado apenas por causa de sua afeição por ela, e ainda depois, quando continuou a agir contra ele de maneira que nem da parte de um inimigo teria esperado pior. Jacó tinha sem dúvida grandes motivos para queixar-se das injustiças de Labão, pois quando este viu que Deus favorecia Jacó em todas as coisas, ora prometia-lhe dar, na partilha do aumento do rebanho, os animais que nascessem brancos, ora os que fossem pretos. E, percebendo que a parte de Jacó era a maior, faltava-lhe sempre à palavra e adiava a partida para o ano seguinte, na esperança de que seria depois a mesma coisa. Como nisso era sempre enganado, continuava também a enganar Jacó.

Quando Raquel soube que, ante a queixa do furto dos ídolos, Jacó dera a Labão permissão de os procurar, escondeu-os debaixo do camelo em que montava, sentou-se sobre ele e disse que não podia se levantar, pois estava sofrendo do incômodo próprio das mulheres. Assim, Labão não os procurou mais, porque pensou que a filha não teria naquele estado se aproximado de coisas que no seu espírito passavam por sagradas. Prometeu depois a Jacó, com juramento, não somente esquecer o passado, mas conservar por suas filhas o mesmo afeto que sempre lhes tivera. E, como sinal da renovação da aliança, ergueram sobre a montanha uma coluna em forma de altar, à qual deram por

esse motivo o nome de Galeede e que a região vizinha, posteriormente, conservou. Fizeram depois um grande banquete, e Labão deixou-os para regressar à sua casa.

55. Gênesis 32. Jacó, por seu lado, continuou a viagem para Canaã e no caminho teve visões, as quais o fizeram conceber tão grandes esperanças que chamou Campos de Deus o lugar onde as tivera. Mas, temendo sempre o ressentimento de Esaú, mandou alguns dos seus para levar-lhe notícias e ordenou-lhes que se expressassem nestes termos: "O respeito que Jacó, vosso irmão, vos tem, fá-lo pensar que não deve se apresentar diante de vós enquanto estiverdes irritado contra ele, assim como o fez abandonar este país e retirar-se para uma terra longínqua. Mas agora ele espera que o tempo tenha apagado de vosso espírito o descontentamento e volta com as suas esposas, os seus filhos e o que conquistou com o trabalho, a fim de pôr em vossas mãos tudo o que possui. Nada lhe daria mesmo mais alegria do que oferecer-vos os bens com que aprouve a Deus enriquecê-lo".

Esaú ficou tão comovido com essas palavras que veio imediatamente encontrar-se com o irmão, acompanhado de quatrocentos homens. Esse grande número assustou Jacó, mas ele colocou a sua confiança em Deus e dispôs todas as coisas para se pôr em condições de resistir-lhe, caso Esaú tivesse a intenção de usar de violência. Distribuiu para isso tudo o que trazia consigo em diversos grupos, que se seguiam a curtos espaços um do outro, de modo que, se o que vinha à frente fosse atacado, os demais pudessem retirar-se. Mandou depois avançar alguns de seus homens e, para acalmar o espírito do irmão, se é que este ainda estava irritado contra ele, ordenou-lhes que oferecessem, de sua parte, diversos animais de várias espécies que lhe poderiam ser agradáveis pela sua raridade. Disse-lhes também que caminhassem separadamente, a fim de que, indo assim em fila, parecesse que eram em maior número, e recomendou-lhes sobretudo que falassem a Esaú com o máximo respeito.

56. Depois de ter assim empregado todo o dia em dispor essas coisas, foi caminhar à noite. E, após ter atravessado as torrentes de Jaboque, estando muito afastado de seus homens, um vulto apareceu e atracou-se com ele. Jacó foi o mais forte nessa luta, e o vulto disse-lhe: "Alegrai-vos Jacó, e que nada seja capaz de vos assustar. Pois não foi a um homem que vencestes, mas a um anjo de Deus", Jacó, tomado de admiração, pediu que o espírito celeste informasse o que lhe devia acontecer, ao que este respondeu: "Considerai o que acaba de se passar como um presságio, não somente de grandes bens que vos esperam, mas da duração perpétua de vossa descendência e da confiança que deveis ter de que ela será invencível". O anjo ordenou-lhe em seguida que tomasse o nome de Israel, que significa, em hebreu, "o que resistiu a um anjo", e nesse

mesmo instante desapareceu. Jacó, transbordando de alegria, chamou ao lugar Peniel, isto é, "a face de Deus". E, como fora ferido naquela luta num lugar da coxa, jamais comeu daquela parte de animal algum. Não nos é, do mesmo modo, permitido comê-la.

57. Gênesis 33. Quando Jacó soube que o irmão se aproximava, mandou dizer às suas mulheres que viessem separadas uma da outra, cada qual com as suas criadas, para ver de longe o combate, caso fossem obrigados a travá-lo. Quando já estava próximo do irmão, todavia, reconheceu que ele vinha com espírito de paz e apresentou-se diante dele. Esaú abraçou-o e perguntou-lhe o que era aquela multidão de mulheres e crianças. Depois de ter sido informado de tudo, ofereceu-se para levá-las todas a Isaque, seu pai. Jacó agradeceu e rogou-lhe que o desculpasse, porque toda a comitiva estava muito cansada, por causa da longa viagem, e tinha necessidade de repouso. Assim, Esaú voltou a Seir, onde residia habitualmente, tendo ele mesmo lhe dado esse nome, que significa "peludo".

58. Gênesis 34. Jacó, por sua vez, dirigiu-se a um lugar denominado As Tendas, que ainda hoje conserva esse nome, e de lá a Siquem, que é uma cidade dos cananeus. Aconteceu então que ali se realizava uma festa, e Diná, única filha de Jacó, aproximou-se para ver de que maneira as mulheres daquele país se vestiam. Siquem, filho do rei Hamor, achou-a tão bela que a carregou e abusou dela. Estando apaixonado por ela, pediu ao rei, seu pai, que a fizesse desposar. Ele consentiu e foi procurar Jacó para pedi-la em casamento. Jacó ficou muito embaraçado, porque, de um lado, não sabia como recusar a filha ao filho de um rei e, de outro, julgava que em sã consciência não podia dá-la a um estrangeiro. Assim, pediu algum tempo a Hamor, para decidir, e o monarca regressou, na persuasão de que o casamento se realizaria.

Jacó contou aos filhos tudo o que se havia passado, pedindo-lhes que deliberassem sobre o que deviam fazer. A maior parte não sabia que resolução tomar. Mas Simeão e Levi, irmãos de pai e mãe de Diná, tomaram juntos uma determinação e, sem nada dizer a Jacó, escolheram executá-la no dia de uma grande festa que se realizava em Siquem e que se passava toda em banquetes e divertimentos. Foram de noite às portas de Siquem, acharam os guardas adormecidos e os mataram. Daí foram à cidade, passaram todos os homens a fio de espada, até mesmo o rei e seu filho, poupando somente as mulheres, e trouxeram de volta a sua irmã. Jacó ficou fora de si por aquela ação sangrenta e muito irritado com os dois, mas Deus, numa visão, ordenou que se consolasse, que purificasse as suas tendas e pavilhões e que oferecesse o sacrifício ao qual se havia obrigado quando Ele lhe apareceu em sonho, na sua viagem à Mesopotâmia.

59. Enquanto executava essas ordens, Jacó encontrou os ídolos de Labão, que Raquel havia furtado sem nada lhe dizer. Enterrou-os em Siquem, sob um carvalho, e foi sacrificar em Betej,* no mesmo lugar onde tivera a visão de que acabamos de falar. De lá passou a Efrata, onde Raquel teve um filho e morreu de parto. Ela foi sepultada ali mesmo, sendo a única de sua descendência que não foi levada a Hebrom, ao sepulcro de seus antepassados. A morte dela causou grande aflição a Jacó, e ele chamou ao filho Benjamim, porque havia sido causa de dor, ao custo da vida de sua mãe. Jacó teve apenas uma filha, Diná, e doze filhos, dos quais oito eram legítimos, isto é, seis de Leia e dois de Raquel. Quanto aos outros quatro, dois eram de Zilpa e dois de Bila. Chegou finalmente a Hebrom, na terra de Canaã, onde morava Isaque, seu pai, mas o perdeu logo depois. _____ * Belém.

CAPÍTULO 19

MORTE DE ISAQUE.

60. Jacó não teve a consolação de encontrar Rebeca, sua mãe, ainda com vida, e Isaque viveu muito pouco depois do seu regresso. Esaú e Jacó enterraram-no junto de Rebeca, em Hebrom, no túmulo destinado a toda a sua descendência. Esse homem foi tão ilustre em virtude que mereceu que Deus o cumulasse de bênçãos e não tomasse menos cuidado dele do que de Abraão, seu pai. Viveu cento e oitenta e cinco anos, que então era uma longa idade.

Só teve e mereceu louvores durante todo o curso de sua vida.

LIVRO SEGUNDO

CAPÍTULO 1

PARTILHA ENTRE ESAÚ E JACÓ.

61. Gênesis 35. Depois da morte de Isaque, os seus dois filhos dividiram a herança, e nenhum deles ficou no mesmo lugar que antes havia escolhido para fixar residência [Gn 36]. Esaú deixou Hebrom a Jacó e estabeleceu-se em Seir. Ele possuía a Iduméia e deu-lhe o seu nome, pois fora cognominado Edom, por motivo que vou explicar. Quando ainda era jovem, voltava um dia da caça, exausto pelo trabalho e torturado por uma grande fome. Encontrou o irmão

cozendo lentilhas para o jantar. Pareceram-lhe tão boas e tão apetitosas que o grande desejo de comer fez que as pedisse a Jacó. Este, vendo com que ânsia o irmão as desejava, disse-lhe que as daria somente com a condição de que Esaú lhe cedesse o direito de primogenitura. Esaú concordou e o prometeu com juramento. Jovens da mesma idade zombaram da simplicidade de Esaú e, por causa da cor avermelhada das lentilhas, deram-lhe o nome de Edom, que em hebreu significa "ruivo". E a região conservou-o desde então. Os gregos depois suavizaram o nome, para torná-lo mais agradável, e chamaram ao lugar Iduméia.

62. Gênesis 36. Esaú teve cinco filhos, com três mulheres: de Ada, filha de Elom, Elifaz; de Oolibama, filha de Zibeão, Jeús, Jalão e Corá; de Basemate, filha de Ismael, Reuel. Elifaz teve cinco filhos legítimos: Temã, Omar, Zefô, Gaetã e Quenaz. Quanto ao sexto, de nome Amaleque, ele o teve de Tesma,* sua concubina. Ocuparam aquela parte da Iduméia chamada Gobolite, e o país que foi chamado Amalequita por causa de Amaleque. O nome Iduméia estendia-se antigamente até muito longe, e as diversas partes desse grande país conservaram os nomes daqueles que por primeiro os habitaram.

_____ * Ou Timna.

CAPÍTULO 2

SONHOS DE JOSÉ. INVEJA DE SEUS IRMÃOS, QUE RESOLVEM MATÁ-LO.

63. A prosperidade com que Deus favorecia a Jacó era tão grande que nenhum outro no país o igualava em riquezas. E as excelentes qualidades de seus filhos não somente o tornavam feliz, mas também considerado por todos. Eles não tinham menos espírito que sabedoria e coração, e nada lhes faltava do que os pudesse tornar estimados. Deus tomava também tal cuidado por esse fiel servidor e concedia-lhe tão liberalmente as suas graças que mesmo as coisas que pareciam ser-lhe adversas acabavam em seu proveito. Ele começava, desde então, por ele e pelos seus, a abrir aos nossos pais o caminho para sair do Egito. Eis qual foi a origem disso.

64. Cênesis 37. José, que Jacó tivera de Raquel, era o mais querido de todos os seus filhos, fosse por causa das melhores qualidades de espírito e de corpo, em que sobrepujava os outros, fosse por sua grande sabedoria. Esse afeto, que o pai não conseguia esconder, incitou contra José a inveja e o ódio dos irmãos, agravados ainda por causa de alguns sonhos que o moço lhes contara na presença do pai e que lhe pressagiavam uma felicidade extraordinária, capaz mesmo de suscitar inveja entre as pessoas mais próximas.

O fato passou-se deste modo: Jacó o havia mandado com seus irmãos para trabalhar no campo de trigo, e ele teve um sonho na noite anterior, que não podia ser considerado comum. Pela manhã, contou-o aos irmãos, a fim de que o explicassem. Parecia que o seu feixe estava de pé no campo e que os outros vinham inclinar-se diante dele e adorá-lo. Eles não tiveram dificuldade em julgar o que significava aquele sonho: a fortuna de José seria muito grande, e eles lhe seriam sujeitos. No entanto dissimularam, como se nada tivessem entendido, desejando em seu coração que a predição fosse falsa e concebendo contra ele uma aversão ainda maior.

Deus, para confundir a inveja deles, permitiu a José outro sonho, bem mais importante que o primeiro. Parecia-lhe ver o Sol, a Lua e onze estrelas descerem do céu à Terra e prostrarem-se diante dele. Ele contou o sonho ao pai diante dos irmãos, dos quais não desconfiava, e rogou que lhe dessem uma explicação. Jacó sentiu grande alegria, porque compreendeu facilmente que Deus pressagiava a José uma grande prosperidade, chegando o tempo em que seu pai, sua mãe e seus irmãos seriam obrigados a prestar-lhe homenagem. O Sol e a Lua significavam o pai e a mãe, pois aquele dá forma e força a todas as coisas e esta alimenta e faz crescer. As onze estrelas significavam os onze irmãos, que tiram toda a sua força do pai e da mãe, como as estrelas do Sol e da Lua.

Jacó deu essa interpretação ao sonho e o fez muito sabiamente. Mas o presságio deixou aflitos os irmãos de José. Embora sendo-lhe muito próximos e devessem tomar parte na sua felicidade, sentiram maior inveja ainda, como se ele lhes fosse um estrangeiro. Assim, deliberaram fazê-lo morrer e com esse fim, quando terminaram os trabalhos do campo, levaram os rebanhos a Siquém, que era um lugar abundante em pastagens. Nada haviam dito ao pai, e a ausência deles afligiu Jacó. E, para ter notícias deles, mandou José procurá-los.

CAPÍTULO 3

JOSÉ É VENDIDO POR SEUS IRMÃOS A UNS ISMAELITAS, QUE O VENDEM NO EGITO. A SUA CASTIDADE É CAUSA DE QUE O LANCEM NA PRISÃO. LÁ, INTERPRETA DOIS SONHOS E, EM SEGUIDA, DOIS OUTROS A FARAÓ, QUE O NOMEIA GOVERNADOR DE TODO O EGITO. UMA CARESTIA OBRIGA OS SEUS IRMÃOS AFAZEREM DUAS VIAGENS AO EGITO, NA PRIMEIRA DAS QUAIS JOSÉ RETÉM SIMEÃO, E NA SEGUNDA, BENJAMIM. DÁ-SE EM SEGUIDA A CONHECER A ELES E MANDA BUSCAR O SEU PAI.

65. Gênesis 37. Os irmãos de José viram-no chegar com prazer, não porque vinha da parte de seu pai, mas porque, considerando-o inimigo, se regozijavam

por vê-lo cair-lhes nas mãos. E temiam tanto perder a ocasião de se desfazer dele que o queriam matar naquele mesmo instante. Porém Rúben, o mais velho, não pôde aprovar tamanha crueldade. Fez-lhes ver a enormidade do crime que queriam cometer, o ódio que atrairiam contra eles e quão abominável seria o assassinio de um irmão, se um simples homicídio já causava horror a Deus e aos homens. Além disso, eles matariam de dor um pai e uma mãe que, além do amor que tinham por José, por causa de sua bondade, nutriam-lhe uma ternura particular, por ser ele o mais obediente de todos os filhos.

Assim, ele os conjurava a temer a vingança de Deus, que via já o cruel desígnio concebido em seus corações, que os perdoaria, contudo, se eles se arrependessem e compensassem o seu crime, mas que os castigaria muito mais severamente se o cometessem. Que considerassem, pois, que todas as coisas a Ele eram gentes: as ações praticadas nos desertos não passariam mais despercebidas que as cometidas nas cidades, e a própria consciência servir-lhes-ia de algoz. E acrescentou que, se jamais fora permitido matar um irmão, mesmo havendo ofensa da parte dele, e se, por outro lado, é sempre louvável perdoar aos amigos quando eles erram, por muito maior razão eram eles obrigados a não fazer mal a um irmão do qual jamais haviam recebido injúria alguma. A simples consideração pela juventude dele deveria levá-los não somente a sentir compaixão como também a ajudá-lo e protegê-lo. A causa que os instigava contra ele tornava-os ainda mais culpados, pois em vez de invejar a felicidade que lhe tocava e as vantagens com que Deus se comprazia em enriquecê-lo, eles deveriam regozijar-se e considerá-las como suas também, pois, sendo-lhe tão próximos, de tudo poderiam participar. Deviam, por fim, imaginar qual seria o furor e a indignação de Deus contra eles se levassem à morte aquele a quem Ele havia julgado digno de receber de sua mão tantos benefícios, se ousassem tirar-lhe os meios de o favorecer com suas graças.

Vendo Rúben que os irmãos, em vez de se comoverem com essas palavras, cada vez mais se obstinavam em sua funesta resolução, propôs escolherem um meio mais suave de a executar, a fim de tornar a sua falta, de algum modo, menos criminosa: se quisessem seguir o seu conselho, deveriam contentar-se em colocar José numa cisterna próxima, deixando-o lá para morrer, sem manchar as mãos com sangue. Eles aprovaram a proposta, e Rúben desceu com uma corda à cisterna, que estava quase seca, e em seguida foi procurar pastagens para o seu rebanho. Mal ele havia partido, judá, um dos filhos de) Jacó, viu passando uns mercadores árabes, descendentes de Ismael que vinham de Galaade, os quais levavam para o Egito perfumes e outras mercadorias. Então ele aconselhou os irmãos a vender José, pois desse modo ele iria morrer num país distante e eles não poderiam ser acusados de lhe terem tirado a vida. Eles negociaram com os mercadores, retiraram da cisterna o irmão, que

contava então dezessete anos, e o venderam por vinte peças de prata aos ismaelitas.

Quando retornou, à noite, Rúben, que pretendia salvar José, foi secretamente à cisterna e chamou-o diversas vezes. Vendo que ele não respondia, imaginou que os irmãos o houvessem matado e censurou-os severamente. Eles então foram obrigados a contar-lhe o que haviam feito, e o seu pesar foi desse modo um tanto mitigado. Os irmãos discutiram em seguida o que fazer para evitar ao pai a suspeita de um crime. Acharam que a melhor maneira era tomar as vestes que haviam tirado de José antes de pô-lo na cisterna, rasgá-las e molhá-las no sangue de um cabrito, levando-as assim manchadas ao pai, a fim de fazê-lo acreditar que um animal feroz o havia devorado. Foram então apressadamente para casa.

O pai já estava desconfiado de que alguma desgraça acontecera a José. Os filhos disseram-lhe que não o tinham visto, mas haviam encontrado as suas vestes manchadas de sangue e rasgadas, as que de fato ele usava quando saíra de casa, e assim tinham todos os motivos para crer que ele fora devorado por um animal feroz. Jacó, que não havia pensado em tão dura perda, mas julgara apenas que o filho fora aprisionado e levado como escravo, quando viu as vestes não duvidou mais de sua morte, pois as reconheceu como sendo as que ele usava ao sair de casa para ir ter com os irmãos. Foi então tomado de grande dor, tão intensa que mesmo por um filho único não se teria chorado tanto. Cobriu-se de saco e não ouviu as palavras de consolação que os outros filhos lhe dirigiam.

66. Gênesis 39. Quando os mercadores ismaelitas que haviam comprado José chegaram ao Egito, venderam-no a Potifar, mordomo do palácio do rei Faraó, que não o tratou como escravo, mas o fez educar com cuidado, como uma pessoa livre, e deu-lhe a direção de sua casa. José cumpria o seu dever com a inteira satisfação de seu senhor: a mudança de condição não afetou absolutamente a sua virtude, e ele mostrou que um homem, quando é verdadeiramente sensato, ajuizado, procede com igual prudência na prosperidade e na adversidade.

A mulher de Potifar ficou tão impressionada com o espírito e a beleza de José que se enamorou dele perdidamente. E, como o julgava pela condição a que a sorte o havia reduzido, imaginando que na situação de escravo ele se julgaria feliz por ser amado pela sua senhora, não teve dificuldade em decidir manifestar-lhe a sua paixão. José, porém, considerando um grande crime fazer tal afronta a um senhor ao qual era devedor de tantos favores, rogou-lhe que não exigisse dele uma coisa que não podia conceder sem passar como o homem mais ingrato do mundo, embora em todas as outras ocasiões soubesse o quanto era devedor a ela.

A recusa só fez aumentar a paixão da mulher. Ela imaginava ainda que José não seria para sempre inflexível, e resolveu tentar outro meio. Escolheu para isso o dia de uma grande festa, à qual as mulheres costumavam comparecer, e fingiu estar doente, a fim de ter um pretexto para não sair e tomar assim ocasião para solicitar José. Dessa maneira, encontrando-se em plena liberdade de falar-lhe e de insistir, disse-lhe: "Vós teríeis feito muito melhor atendendo logo às minhas súplicas, concedendo-me o que vos peço, à minha qualidade e à violência do meu amor, que me obriga, embora eu seja vossa senhora, a rebaixar-me até o ponto de vos rogar. Se fordes sensato, reparai a falta que cometestes. Não vos resta mais desculpa alguma, pois se esperáveis que eu vos procurasse uma segunda vez, faço-o agora, e com maior afeto ainda. Fingi estar doente e preferi o desejo de ver-vos ao prazer de assistir a uma grande festa. Se tivésseis alguma suspeita de que o que eu vos digo é uma cilada, para vos experimentar, a minha perseverança não permitirá mais dúvidas de que a minha paixão é verdadeira. Escolhei, pois, agora ou o favor que vos ofereço, correspondendo ao meu amor e esperando de mim, para o futuro, favores ainda maiores, ou os efeitos de minha ira e de minha vingança, se preferires à honra que vos concedo uma vã opinião de castidade. Se isso acontecer, não imagineis que alguma coisa haverá capaz de salvar-vos, pois vos acusarei perante o meu marido de terdes querido atentar contra a minha honra. E, por mais que possais dizer e provar o contrário, ele prestará sempre mais fé às minhas palavras que às vossas justificativas".

Após haver falado dessa maneira, juntou as lágrimas aos rogos. Mas nem as solicitações nem as ameaças conseguiram demover José de faltar ao seu dever. Ele preferiu expor-se a tudo do que se deixar levar por um prazer criminoso. Julgou que não haveria castigo que ele não merecesse se cometesse tal falta, e apenas para agradar uma mulher. Então fez-lhe ver que ele também era devedor ao marido dela, acrescentando que os prazeres legítimos no casamento eram preferíveis aos produzidos por uma paixão desregrada; que estes últimos apenas se passavam, causando um arrependimento inútil; e que viveriam no contínuo temor de serem descobertos, mas nada havia a temer da fidelidade conjugai e do andar com confiança na presença de Deus e dos homens. Se ela se mantivesse casta, conservaria a autoridade que tinha para dar-lhe ordens, ao passo que perderia essa mesma autoridade cometendo com ele um crime que ele poderia sempre atirar-lhe em rosto. Enfim, a tranquilidade de uma consciência que de nada se sente culpada era infinitamente preferível à inquietação daqueles que precisam esconder pecados vergonhosos.

Essas palavras e outras semelhantes que José proferiu, procurando convencê-la a moderar a sua paixão e a compreender o próprio dever, só a fizeram inflamar-se ainda mais, e ela tentou obrigá-lo a conceder-lhe o que não

podia, sem um crime, pretender dele. Não podendo então tolerar por mais tempo tão grande vexame, ele escapou, deixando, porém, o manto nas mãos dela. Ofendida com a repulsa de José e temendo que ele a denunciasse ao marido, resolveu precedê-lo e vingar-se.

Assim, irritada por não ter podido satisfazer a sua paixão brutal, quando o marido regressou e, surpreso, perguntou-lhe a causa de vê-la naquele estado, ela respondeu: "Não mereceis viver se não castigardes como merece esse pérfido e detestável servidor, que, esquecendo-se da miséria a que estava reduzido quando o comprastes e da excessiva bondade com que o tratais, em vez de mostrar gratidão, teve a ousadia de atentar contra a minha honra e de assim querer fazer-vos a maior afronta que jamais poderíeis receber. Escolheu para executar o seu intento este dia de festa e a vossa ausência. E disse, depois disto, que a única causa desse pudor e dessa moderação que ele afeta não é o temor que tem de vós! A honra que lhe concedestes, sem que ele a merecesse e que não teria ousado esperar, levou-o a essa horrível insolência. Ele julgou que, por lhe teres confiado todos os vossos bens e dado toda autoridade sobre os demais servidores, ainda que mais velhos que ele, lhe era permitido levar os seus desejos pessoais até vossa esposa".

67. Depois de lhe ter falado dessa maneira, e acrescentando lágrimas às palavras, mostrou-lhe o manto de José, afirmando que lhe havia ficado nas mãos enquanto resistia. Potifar, convencido por aquelas palavras e pelas lágrimas, e dando mais valor do que devia ao amor que tinha por ela, não pôde deixar de acreditar no que acabava de ouvir e ver. Assim, louvou-lhe muito a sabedoria e, sem indagar da verdade, não duvidou de que José fosse realmente culpado e mandou-o colocar na prisão. Experimentava uma alegria secreta pela virtude da esposa, da qual julgava não poder duvidar depois da prova tão convincente que ela lhe havia mostrado.

68. Enquanto o egípcio se deixava enganar dessa maneira, José, em tão amarga e injusta vicissitude, colocou nas mãos de Deus a justificação de sua inocência. Ele não quis se defender nem dizer de que modo as coisas se haviam passado. Mas, suportando com paciência a prisão e a humilhação, confiava em Deus, ao qual tudo é manifesto, que conhecia a causa de sua infelicidade e que era tão poderoso quanto os que o faziam sofrer eram injustos. Ele experimentou logo os efeitos da divina providência. Pois o carcereiro, considerando a diligência e fidelidade com que ele fazia tudo o que lhe era mandado e tocado pela majestade estampada em seu rosto, tirou-lhe as cadeias, tratou-o melhor que aos outros e tornou-lhe a prisão mais tolerável.

Gênesis 40. Como nas horas em que se permite aos prisioneiros tomar um pouco de descanso eles costumam conversar sobre a sua infelicidade, José fez amizade com um mordomo do rei, ao qual o príncipe muito havia estimado,